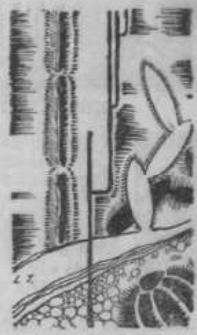




NORDESTE



"São os do Norte que vêm..."

G. W. B. R.

WALDEMAR LOPES

Sempre me pareceu que os homens de letras do Nordeste se têm conservado desatentos a um tema dos mais sugestivos, do ponto de vista não apenas estritamente económico, mas, sobretudo, social e humano, como é a principal estrada de ferro da região: a Great Western of Brazil Railway Company Limited. Com efeito: nada justifica esse desinteresse, principalmente da parte de quantos se preocupam com a história social do Nordeste, em sua realidade múltipla, ou seja, as relações do homem com o meio natural, as afirmações mais características de suas energias criadoras, a permanência ou transmutação dos estilos de vida, os seus processos de contacto e interação, os seus folks e mores. Aliás, até mesmo nos domínios da criação artística, ou da literatura de ficção, o complexo sociológico da velha estrada — assim entendidos os fenômenos sociais a ela vinculados, direta ou indiretamente — constitui boa fonte de inspiração, através de imagens peculiares ou de um documentário humano dos mais vivos e ricos, cheio de fortes sugestões.

A G. W. B. R. está presente na poesia brasileira da primeira fase modernista, graças a um poema admirável em que as anotações sentimentais adquirem uma precisão quase corográfica; aquela de levavação do Sr. Jorge de Lima à sua primeira mestra de paisagem: "Canaviais, algodões, casas de palha, carrapateiras, ninhos de xexeu, velhas fazendo rendas, capoclinhas..." (...) "Sítios, fazendas, cercados, terreiros, moleques, pinhões, carrapetas, vales, serranias, queimadas, canavais, banguês, estações, cidades tôdas iguaisinhas, com barbearias, feiras, padarias, intendências municipais, tôdas elas tão iguais, com os mesmos telegrafistas avariados, os mesmos chefes fleumáticos, os mesmos moleques que agridem à procura de carrégio. Hotéis familiares, bilhares falidos, igrejinhas pobres, cemitérios cheios de mato, tudo igual, tamancos, chinelos, gaforinhas, trocadores de cavalo, cangaceiros, clarinetes, panelas de barro".

O Sr. Ascenso Ferreira recolheu em alguns poemas, de nitido acento folclórico, certas contribuições inspiradas pela estrada de ferro inglesa. O seu "vou danado p'ra Catende, vou danado p'ra Catende", por exemplo, tão expressivo da influência do trem, ou melhor dito, da locomotiva, sobre o espírito e a imaginação da gente do povo. Gente capaz de confessar nos versos ingênuos que o velho Pernambuco incorporou ao seu Folk-lore:

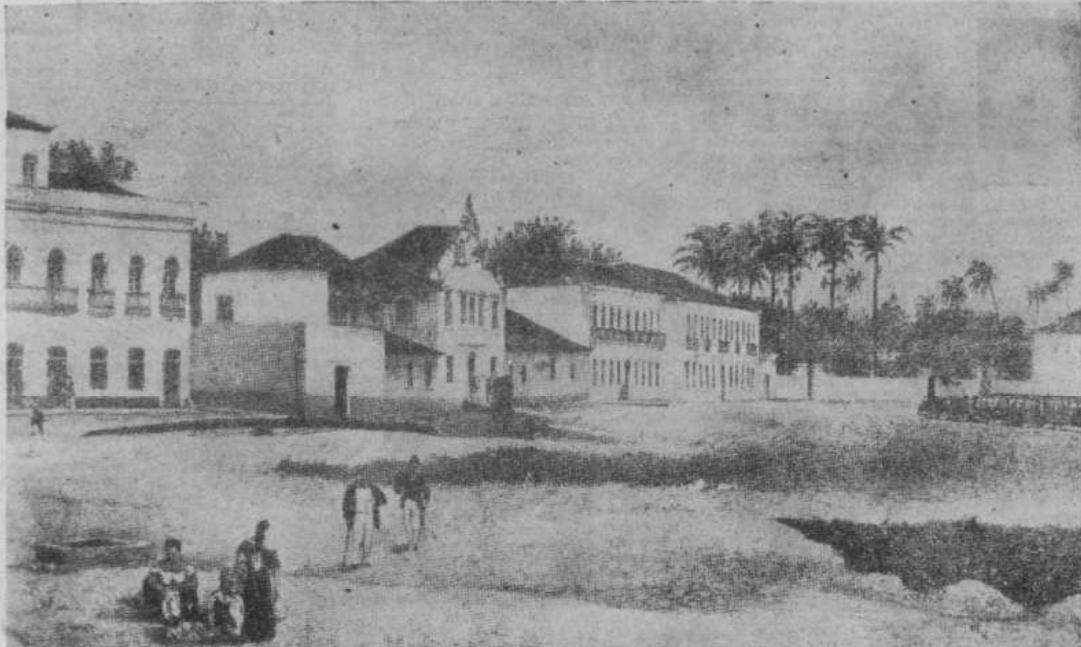
"Uma coisa me confunde,
Outra me faz confusão:
É o trem corre na linha,
Sem junta, sem pé, sem mão,
E numa carreira fixe,
De estação a estação".

Ou de adotar o trem de ferro como tema de gabolice, no cancionero regional:

É conhecida também a variante:
"Uma coisa me admira,
Outra me faz confusão:
É ver o vapor correr
Sem unha, sem pé, sem mão".

(Pereira da Costa, ob. cit.)

ferro — Quando vai pra Pernambuco —
Vai fazendo vuco-vuco — Vai danado pra
chegar". Nas interpretações onomatopá-



A rua do Hospício, vendo-se o trem da "Brazilian Street Railway Company Limited" (segundo uma litografia de F. H. Caris, 1878)
Da fototeca da Diretoria de Documentação e Cultura
(Prefeitura Municipal do Recife)

Junto ao sétimo tunel da Russinha trem da serra descia em disparada e de um tombo que eu dei na retaguarda rebolei todo o trem fora da linha. Atendendo a um amigo que ali vinha que talvez não pudesse ter demora de meu pedaço de pau fiz uma escora, fiz "lavanca de dois cambões de milho, novamente botei o trem no trilho, maquinista apitou e foi embora".

Aliás, a influência do trem está presente de várias formas nas criações do povo do Nordeste, como se a estrada de ferro lhe tivesse marcado fundamente o ânimo simples. No adágíario: "Quem gosta de homem é o trem" (ou "a roda do trem"). Nas emboladas: "O trem de

cas: "Café com pão, bolacha não — Café com pão, bolacha não — Café com pão, bolacha não". Nos conceitos de ética: "Eu sou que nem trem de ferro: só ando atrás dos meus trios." Nos recursos de comparação: "Feio qui nem trem virado."

De Ascenso Ferreira lembro-me de ter ouvido, também, uma deliciosa cantiga, de grande frescor lírico — recolhida, de certo, nas mesmas fontes incontaminadas da poesia popular — em que o "balanço de trem" — como, aliás, a corrida de troly — figura entre as boas e belas coisas da vida, coisas, decerto, bem diferentes das outras, também belas e boas — embora menos ingênuas — que segundo o poeta observa, melancolicamente, na sua filosofia de tão marcante acento pessoal, "ou são ilegais, ou são imorais, ou fazem mal à saúde". Dessa cantiga registrarei apenas os fragmentos retidos na memória:

"Eu sou a fruta gogoiá !
Eu sou uma moça !
Eu sou calunga-de-louça !
Eu sou uma joia !

"Eu sou a chuva quando moia
E refresca bem !
Eu sou balanço de trem...

Carreira de troia !

Eu sou a moça quando oia
Pra seu namorado !
Eu sou um cravo encarnado
Quando se desfola..."

Curiosa fusão de reminiscências folclóricas e sugestões onomatopáicas é "Trem de ferro", do nosso poeta maior, em que a presença do Nordeste aparece tão viva, através não só de imagens e lembranças, mas até de peculiaridades linguísticas típicas da região. Vale a pena reproduzi-lo, tal qual Manuel Bandeira o incluiu no seu livro do cinquentenário, o "Estréia da Manhã":

"Café com pão
Café com pão
Café com pão.
Virge Maria que foi isto
maquinista ?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cérea
Ai seu foguista

(Continua na página 12)

TÓPICOS

"NORDESTE" E PROUST



Graças ao apoio do Proust Clube, do Rio de Janeiro, foi possível a esta revista dar uma edição dedicada ao autor de "A La Recherche du temps perdu" que alcançou inovulgar repercussão em todos os círculos literários do país.

Ainda agora estamos recebendo recortes de vários pontos dessa imensa província literária que é o Brasil onde se fala, com generosidade e compreensão, do empreendimento de "Nordeste" que teve a ajuda de proustiano sconce Otacilio Alecrim, Eustáquio Duarte e Roberto Assunção.

Diante dessa simpática repercussão alcançada pelo número de nossa revista "Em busca da província perdida", resta-nos somente declarar que as palavras de um Lins do Rêgo, de um Djalma Viana e tantos outros intelectuais do norte e do sul, vieram como um pagamento de todos os sacrifícios que fizemos para não decepcionar os amigos do Proust Clube, os verdadeiros e legítimos donos da edição, como bem salientou o suplemento do "Correio da Manhã" em nota espontânea e justa.



EDIÇÕES PERNAMBUCANAS



Estamos meus amigos num encontro que há muito tempo a nossa província reclamava: uma secção de edições anexas ao programa de "Nordeste". Assim já lança mos o livro de críticos literários "Provincianas", de Aderbal Jurema. Ia, sério, e ainda em abril teremos nas livrarias o "Canto da Hora Undécima", poemas de Cesário de Melo, ilustrados por Ladjane. Em seguida, lançaremos um livro de contos de Francisco Julião, "Cachaca", prefaciado por Gilberto Freyre. Os dois últimos autores extrairam em livro graças ao incentivo da revista "Nordeste" que já tem programado para este ano mais uns três volumes, destacando-se o livro de memórias do conhecido homem de letras Silvino Lopes que surgiu em suas esperadas "Memórias de um sargento de milícias".



OS QUE FORAM E OS QUE VIERAM



Enquanto o jovem poeta Duarte Neto dava um pulo no metrópole para conhecer o grupo de "Orfeu" e da "Revista Brasca", o editor Arquimedes de Melo Neto, pernambucano de

OLIVEIRA E SILVA

NO RECIFE

Como a ave que volta no ninho antigo, depois de um longo e nebuloso inverno, o poeta Oliveira e Silva, segundo os versos do colega ilustrado, veio também rever o lar paterno graças ao convite de um grupo de amigos da velha guarda. Aqui fez uma conferência na Academia Pernambucana de Letras, sendo saudado pelo acadêmico Paulino de Andrade. Em sua conferência o poeta de "Casa Vazia" interpretou o sentimento do mundo, da poesia e da terra natal e o escritor Paulino de Andrade disse: "Irreverências muito pessoais, que não agradaram a todos, mas que despertaram aplausos dos muitos. A conferência foi presidida pelo governador Barbosa Lima Sobrinho.

Houve também almoços ao poeta Oliveira e Silva onde fizeram parte nomes como Gilberto Freyre e Odilon Nestor. E tudo decorreu na mais franca cordialidade provincial.



FATOS DIVERSOS

* Por motivo da saída de seu livro de sonetos, "Folhas de meu outono", o poeta Mariano Lemens tem sido alvo de várias homenagens por parte de seus amigos. O livro, que é prefaciado pelo sr. Gilberto Freyre, foi editado pelo José Olympio em magnífica apresentação gráfica.

* Também em visita à Pernambuco esteve, entre nós, o jovem poeta Jairo de Martins Bastos, do grupo do "CIA", de Fortaleza.

* Ascendino Leite, autor de "Notas Provincianas", parabenizou no quarto costado, estive alguns dias no Recife. Atual-

* * * * *

ABDE, secção de Pernambuco, com a sua atual diretoria, composta dos srs. Aderbal Jurema (Presidente), Amaro Quintas (vice-presidente), Carlos Moreira (1º secretário), Jonas Ferreira (2º secretário), e Ivonildo de Souza (tesoureiro), vem cumprindo o seu programa. Em dezembro de 1949 a ABDE prestigiou o IV Salão de Arte Moderna do Recife, patrocinado pela Sociedade de Arte Moderna desta cidade, com o apoio financeiro de dez mil cruzeiros que foram distribuídos em prêmios aos melhores trabalhos de pintura e desenho em exposição.

Em janeiro, a convite da ABDE, o prof. Albino Gonçalves Fernandes promoveu, na sede da Associação da Imprensa de Pernambuco, uma conferência sobre Arthur Ramos. Nessa reunião, o presidente da ABDE, sr. Aderbal Jurema, disse da justiça da homenagem ao cientista brasileiro, sócio da ABDE nacional e figura de projeção internacional. E em março corrente, o prof. Valdemar Valente, ainda a convite da ABDE local, fará uma palestra sobre Arthur Ramos, antropólogo.

Na última reunião mensal de fevereiro, a diretoria da ABDE pronunciou-se contra qualquer lei que atente contra a liberdade de pensamento, como os projetos de lei de imprensa e de segurança nacional.

O conselho fiscal da ABDE, composto pelos escritores Silvino Lopes, Laurencio Lima, Mauro Mota, Nilo Pereira e Pinto Ferreira tem prestigiado todos os atos da atual diretoria, que vem mantendo a associação acima da política partidária, quer no plano ideológico quer no literário.

O atual endereço da ABDE, secção de Pernambuco, é o seguinte: Avenida Dantas Barreto, 116 - 1º andar - Recife - Pernambuco.

Número avulso 0
Número atrasado Cr\$ 4,00
Nos Estados Cr\$ 6,00
5,00

Diretor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema

Solicitamos permuta com as publicações congêneres.
Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de critica assinada.

mente, Ascendino Leite trabalha na imprensa do Rio, é técnico de educação do M. E. S. e está com um romance em preparo.

* *Pernambuco Asfora, autor de "Sapé" e "Noite Grande", já está com os originais de seu novo romance pronto para seguir para o Rio. "Fogo Verde" será editado pela Casa do Estudante do Brasil.*

Também em março o principal evento do mês é o lançamento do romance do jornalista Luís Beltrão, "Os senhores do mundo" que já provocou uma crônica do poeta Carlos Moreira em nosso suplemento.



O LIVRO DE ESTREIA DE JOSE LAURENIO DE MELO

O Teatro do Estudante de Pernambuco, inaugurado as suas edições, lançará por estes dias, um livro de poemas que não terá somente a significação de uma estréia. Trafará-se do aparecimento de "Palhano", onde o jovem poeta pernambucano José Laurénio de Melo reuniu uma porção de poemas que irão indicar aos críticos um novo e vigoroso poeta ao lado de nomes como Edson Regis e Lédo Ivo, para citar somente os maiores da novíssima geração de poetas brasileiros.

A parte artística da edição de "Palhano" foi confiada ao jovem pintor Aloisio Magalhães.



LITERATURA E POLÍTICA

Os amigos culturais brasileiros estão de orelha queimando com as possibilidades editoriais deste ano em face da campanha presidencial. A maioria dos editores prevê uma baixa sensível no poder aquisitivo do leitor com a sua atenção desviada para a luta partidária que, sem dúvida, irá tomar conta de todos os assuntos, deixando a literatura para depois das eleições. Na verdade, num país que se compra tão pouco livro, as perspectivas são desanimadoras, pois quando casar a política virá, sem dúvida, o futebol com a "Copa do Mundo".

E quanto à política e o futebol não atingem o seu "chumbo", temos aí as novelas radiotelevisivas numa preparação psicológica de todos os dias para que desvie a atenção do leitor rumo às coisas políticas e futebolísticas.

E tudo isso devia ser do conhecimento do diretor da "Branca" que é um dos sócios do Proust-Clube. No mais pode ficar certa a direção da revista carioca que Pernambuco não possui fábrica de lantejoulas para favorecer a mania do brilharéte nem "Nordeste", revista pernambucana com cinco anos de existência, voltará ao assunto.

O CINCOCENTENÁRIO DE GILBERTO FREIRE



No dia 15 de março de 1950, Gilberto Freyre completa cinquenta anos. Data que não pode passar em branca nuvem pelo motivo que deve-mos ao sociólogo pernambucano, hoje um nome não somente nacional como também internacional. Por isso, "Nordeste", que sempre teve em Gilberto Freyre um dos seus maiores e dedicados amigos e colaboradores, pretende dedicar o seu próximo número ao homem e à obra, numa homenagem das mais significativas ao renovador da sociologia brasileira, ao incentivador dos novos, ao amigo e lutador da democracia.

PROUST EM RECIFE

José Lins do Rêgo

A revista "Nordeste", de Recife, publica um número especial sobre Marcel Proust, com boa colaboração e magnífico serviço gráfico, com reproduções fotográficas e desenhos originais.

Ainda ontem, ao ver em minhas mãos o número da revista pernambucana, me perguntava um grande escritor: Será que Proust é mesmo um autor popular, no Brasil?

Acredito que não. E acredito mesmo que não será, nem mesmo na França. Cada vez o mundo caminha para o anti-Proust, para a criatura desprovida das qualidades essenciais do homem misterioso, da alma atormentada que foi o criador de uma qualidade de alma que vai desaparecendo, o poeta de um quotidiano que se confunde com uma espécie de exotismo.

A colaboração de escritores brasileiros para o tal número da revista bem merece uma cuidadosa leitura.

A notícia que nos dá Aderbal Jurema, para explicar estas preferências para a obra de Proust, refere-se ao esplanto que causou a Alberto Camus o interesse dos rapazes de Recife pelo francês tão estranho, tão de minoria. E o próprio Aderbal Jurema quem nos diz: "O nosso esplanto não foi menor do que a reação de Camus, que não compreendia essa afinidade, essa popularidade de Proust, do menino Marcel, sobretudo, entre os intelectuais brasileiros."

O fato é que Proust está em Recife. E em muito boa companhia.

Do "O Jornal", do Rio.

A REVISTA BRANCA", N.º 10

A "Revista Branca", em seu último número, correspondente a janeiro-fevereiro deste ano, publica uma nota a respeito do número de "Nordeste" dedicado a Marcel Proust que não nos atinge, mas que merece a seguinte resposta: 1º) Se houve desonestade, apropriação indebita ou falta de escrupulo no caso, tudo cabe ao Proust-Clube que foi o organizador do número em apreço e que nos remeteu o mesmo já ilustrado e paginado. "Nordeste" nada tem a ver com isso, pois nada mais faz do que ceder as suas páginas ao Proust-Clube, numa homenagem ao seu patrono; 2º) acresce que o reclamado desenho de Santa Rosa, segundo informações do Clube, foi feito a pedido do sr. Otacilio Alecrim, presidente do Proust-Clube, para ilustrar a edição, que o Clube também preparou da mesma maneira, da "Revista Branca" dedicada a Proust; 3º) Esse desenho tem sido publicado, depois disso, em vários jornais e revistas do Rio e dos Estados, e os meninos da "Branca" não se abeijaram por isso. O "Correio da Manhã", do Rio, estampou o desenho ilustrando o artigo de Lúcia Miguel Peixoto sobre Proust. Foi de lá, segundo informa a diretoria, que o Clube os extraiu (a matéria e a ilustração) para transcrevê-las em "Nordeste".

E tudo isso devia ser do conhecimento do diretor da "Branca" que é um dos sócios do Proust-Clube. No mais pode ficar certa a direção da revista carioca que Pernambuco não possui fábrica de lantejoulas para favorecer a mania do brilharéte nem "Nordeste", revista pernambucana com cinco anos de existência, voltará ao assunto.



Feira de milho — óleo de BALTAZAR DA CAMARA (Coleção Van Gago)

NORDESTE

REVISTA DE CULTURA
Editado pela Empresa JORNAL DO COMÉRCIO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463

1.º andar — Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES — João Cabral de Melo Neto, (Barcelos-Espanha) * Cícero Dias (Paris-França) * Artur Coelho (New York-E. U.) * José Condé (Rio de Janeiro-D. F.) * Alcântara Silveira (São Paulo) * Silvio de Macedo (Macelândia-Alagoas) * Jota Soares (Salvador-Bahia) * Gambarra, Filho (João Pessoa-Paraíba) * Silvio Duncan (Porto Alegre R. G. S.) * J. Gonçalves de Medeiros (Natal-Rio G. do Norte) * Alphonsus Guimarães Filho (Belo Horizonte-Minas) * Dalton Trevisan (Curitiba-Paraná) * Salim Miguel (Florianópolis-Santa Catarina) * José Edésio de Albuquerque (Fortaleza-Ceará) * J. Pedrosa (Campina Grande-Paraíba) * Lício Neves (Caruaru-Pernambuco).

Número avulso 0

Número atrasado Cr\$ 4,00

Nos Estados Cr\$ 6,00

5,00

SAMUEL PUTNAM, AMIGO DO BRASIL

ARTUR COELHO

NEW YORK — Na pequena localidade de Labertville (neste Estado de New Jersey, de onde escrevo), registraram-se a 15 de Janeiro um ato que deve ter sido profundamente sentido em terras brasileiras. Nessa data falecia repentinamente o escritor Samuel Putnam, perdendo o Brasil um grande e sincero amigo. E perder um amigo — seja para um país ou uma pessoa — é sempre uma grande perda, porque os amigos, os sinceros amigos, são muito raros.

Eu tive a sorte de privar com Samuel Putnam nestes últimos sete ou oito anos. Conhecemos-nos há bastante tempo, de longe: ele a mim, pelas poucas vezes que me via "imprint", e eu a ele, pelo muito que escrevia — livros próprios, crítica literária, ensaios, traduções. Um dia (Sam residia então em Filadélfia), recebi uma carta dele. Eu havia publicado, de parceria com Ibarra, um método de português para americanos — "Brazilian Portuguese Self-Taught". Sam dizia conhecer-me dos tempos da revista do Gastão — o "Boletim de Ariel" — e me pedia um exemplar do livro. Mandei-lho e ficámos nos cartando de tempo em tempo, até que, vindo ele à Nova York, me procurou...

Espantei-me da aparente fragilidade do homem! Então era este, o trabalhador infatigável, o conchedor de tantas línguas, o espírito bisbilhoteiro, que por verificar o sentido obscuro de uma frase ou palavra seria capaz de revolver dezenas de livros, — que agora me aparecia, tão timido, franzino, de aspecto meio doentio, e no entanto capaz de tão fenomenal dispêndio de energias? A sua obra se avolumava de tamanha forma, que diante do autor, tinha-se a impressão de que não fosse capaz de possuir.

Mas era ele mesmo, o possuidor de reservas inesgotáveis, graças ao que podia, numa faixa continua, colaborar em tantas revistas, fazer da crítica literária uma profissão vasta e absorvedora, interessando-se pelas novidades surgidas em várias literaturas, e ainda por cima passar para o inglês, em traduções honestas e meticulosas, obras de merecimento que ele ia descobrir nos caminhos culturais de outros povos. E foi precisamente o Brasil, nestes últimos tempos, o país que lhe mereceu maior simpatia e de cuja literatura tratou com grande penetração e carinho.

Perguntar-se-á naturalmente como foi que Samuel Putnam nos descobriu.

A resposta a esta pergunta nos levará a apreciar ligeiramente a sua carreira de escritor. Saindo da Universidade de Chicago, o jovem Putnam, que começava a grangear nome como bom poeta modernista e assíduo colaborador de jornais e revistas, emigrou para a França logo depois da primeira guerra mundial. Filhou-se a uma caravana de jovens escritores patrícios — entre os quais estavam Hemingway, Faulkner, Pond, Bromfield, Stein e outros — a quem Paris acenava com as promessas de ambiente largo — arena de arte e literatura onde elas poderiam exercitar suas múltiplas aptidões. Foi aí, na convivência da nova geração de poetas e artistas franceses, frequentando cursos da Sorbone e se imbebendo nos ensinamentos de alguns dos luminares das letras europeias, que Putnam se orientou pelo caminho que devia levá-lo à sua carreira definitiva, como aliás fizeram outros dessa mesma ésta de "insatisfeitos", e de cujas ânsias e afições ele iria tratar mais tarde, em 1947, nas suas memórias estéticas — *Paris Was Our Mistress: Memoir of a Lost and Found Generation*.

Com a propensão completa do "scholar", na justa acepção que os anglo-saxões dão a este termo, homem nascido para o estudo e para o carinho e manuseio dos livros, foi naquele ambiente parisense de fim de guerra, imerso em discussões sobre as correntes literárias e literatos da época, que Putnam começou o seu vitorioso labor de passar para o inglês livros e ensaios de escritores europeus, tais como Pirandello, Mauriac, Duhamel, Silone... Nos clássicos e antigos, foi descobrir

e traduzir Aretino, Rabelais e Cervantes. A sua versão de "Dom Quixote", sómente publicada em 1949 e que lhe tomou 15 anos de trabalho parcelado e cuidadoso, foi recebida pela crítica americana como a mais perfeita das adaptações em inglês do celebrado herói da cavalaria andante. "Havendo, como se sabe, várias traduções do "Quixote" em língua inglesa, coube a essa a distinção de ser chamada "the Putnam translation", ou seja a tradução por excelência, final, definitiva.

Cheio de uma curiosidade literária nunca saciada, foi-lhe um gesto natural, virar-se do seu campo de ação na literatura clássica de Espanha para as letras de Portugal e sua língua, dirigindo dai suas atenções para o Brasil, cuja literatura (pela primeira vez estudada em inglês por Isaac Goldberg, em 1922), lhe mereceu olhares de interesse e simpatia.

De regresso da França, em 1933, iniciou Putnam, em sua terra, uma série de estudos literários de toda-a América, cabendo-lhe desde 1935, a missão de notícia e crítica dos novos livros brasileiros nos "Handbook of Latin American Studies", publicados pela Library of Congress, de Washington. Foi nessa publicação meio oficiala que ele comentou, com um invulgar conhecimento de causa e um crescente amor pelas

E não havia cessado o efeito causado por essa tradução, que foi entusiasticamente recebida pela crítica, e já se lançava o infatigável Putnam à versão daquele nosso livro "difícilíssimo" — brusco, cheio de acidentes na linguagem e na forma — "Os sertões" de Euclides da Cunha, batizado aqui como "Rebellion in the Backlands". E para nós, que vibráramos ante o catafalco esteriotípico da linguagem de "Os Sertões", entremeada de sons, de matizes florestais, de lances admiráveis de descrições regionalíssimas, em que a fauna e a flora se entrelaçam, contribuindo uma e outra com seus mais exóticos características para o urdume do tapete persa de nossa paisagem, que Euclides, tecelão caprichoso, se deliciava em tecer; — nós, que sentimos tudo isso em português, ficamos a duvidar que fosse possível a um estrangeiro, que nunca tinha estado no Brasil, passar aquilo para a língua dos lórdes, tão distanciada da nossa, e fazê-lo de sorte a oferecer aos seus patrícios uma correlação do sentir de quem lêsse o livro do original.

Pois bem, para passmo da gente, abre-se a tradução de Mestre Putnam (como recentemente tão bem o apelidou Silva Mello), e lá está, logo de entrada, a mesma fôrma, o mesmo sabor, do Euclides: "The central plateau of Brazil descends, along the southern coast, in



Foto tirada numa livraria da rua 45 na noite de abertura de uma exposição de fotografias de Rio e São Paulo, feitas pela Sra. Riva Putnam, que acompanhava o marido na visita que nos trouxe. Da esquerda para a direita: Mr. Roth, ex-consul americano em vários Estados brasileiros; Arthur Coelho, a Sra. Putnam, a dona do estabelecimento, Samuel Putnam, e José Garrido Torres, diretor do Escritório de Informações Brasileiras, em Nova York.

coisas brasileiras, a grande transformação que ia se operando no cenário cultural do Brasil e que se fazia manifestar numa avalanche de livros novos. Nas lúdicas crônicas de Putnam, apreendendo essa eclosão literária, surgiam em inglês, para os curiosos das letras estrangeiras nos Estados Unidos, os nomes de Jorge Amado, Lins do Rego, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Raquel de Queiroz, Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Arthur Ramos, Sérgio Milliet, Tristão de Ataíde, Álvaro Lins e tantos outros que figuravam e figuravam nessa cruzada da nova literatura brasileira, que é, realmente, um fenômeno marcante no panorama intelectual das Américas, do México para o extremo-sul.

Tendo verido tanta coisa do francês e estando a esse tempo já muito adiantado na sua tradução do "Quixote", em torno do qual havia lido braçadas de livros, fez Sam uma pausa nos seus estudos europeus para se entregar de corpo e alma ao "caso brasileiro". Começou pelo romance "Terra do Sem-fim" de Jorge Amado, que traduziu com o nome de "The Violent Land". Logo a seguir, meteu-se à tarefa mais árdua, passando por o inglês a obra máxima de Gilberto Freyre — "Casa Grande e Senzala", aqui saída com o nome de "The Masters and the slaves".

unbroken slopes, high and steep, overlooking the sea...". Sente-se a cadência nervosa euclideana através de todo o livro — rico nas notas de página, caprichado no estilo, explicado por todos os ângulos. Depois, os índices e contra-índices, "histórico" dos fatos e discussões suscitados pelo grandioso estudo do nosso hinterland. Não é só a tradução: é a obra e o seu efeito!

E tudo isso, todo esse trabalho agigantado, obra daquele homem franzino, nosso grande compreendedor, que a morte há pouco nos roubou!

Suas maiores e mais difíceis traduções brasileiras foram feitas, como dissemos, antes de nos visitar.

Mas, em 1946, Samuel Putnam foi mandado ao Brasil, numa permuta de professores, pela Divisão Cultural do Departamento de Estado americano. Esta viagem foi de fato uma revelação para o nosso homem de letras. Ao contrário, porém, do que se deu com Gastão Cruls, cuja Amazônia imaginada continua a sobrepujar a que ele viu, — do Brasil real, do Brasil que lhe ouviu conferências e cursos de literatura comparada, trouxe Samuel Putnam um mundo de impressões novas, colhidas a vivo, trechos de palestras, um diploma de correspondente da Academia e até as últimas piadas cariocas. Mostrou-me encantado uma aquarela típica "O Ser-

tão" — que lhe oferecera Luiz Jardim.

Desembarcou no Rio vitoriosamente. Não precisava exhibir seus pergaminhos de Chicago ou da Sorbonne. Bastava-lhe aquele título — o tradutor de "Os Sertões"!

Resultado dessa visita, que lhe serviu para ver amigos epistolares e colher mais algum material que porventura faltasse aos seus estudos brasileiros, deu-lhe à estampa, em 1948, um livro de quase trezentas páginas — "Marvelous Journey — Four Centuries of Brazilian Literature", um estudo conscientioso e penetrante das nossas letras e suas correntes através dos quatro séculos do nosso desenvolvimento social. É um livro pensado e sentido, muitíssimo superior ao ensaio de literatura brasileira de Goldberg, que não teve o treino necessário de Putnam, nem podia sentir os nossos assuntos com a sua grande e profunda amizade.

A dedicatória do livro é um atestado dêsse sentir: "À minha segunda pátria, o Brasil, e aos meus inúmeros amigos brasileiros..."

No "Four Centuries of Brazilian Literature" estão as bases da nossa história literária, com muita contribuição sua e cópia e confronto dos melhores conceitos dos nossos críticos. Mas, era do plano de Mestre Putnam fazer uma antologia brasileira, para servir de complemento ao seu ensaio das "bases". E para esse fim obteve uma bolsa de custeio da Guggenheim Foundation, que lhe permitisse se dedicar a essa obra, para a qual tinha já grande parte do material selecionado. Ainda numa bela carta de dezembro último, escrita a Gilberto Amado, dizia-lhe do muito que apreciava os seus escritos e falava do medido lugar que ele teria nessa antologia.

Aconteceu, porém, que quando ia começar o trabalho planejado, manteve-lhe aquele belo estudo de Silva Mello — "O Homem". E Putnam, que mantinha o ponto de vista de que o pensamento brasileiro se representa melhor, aqui, por ensaios ou estudos regionais, do que pela ficção, encheu-se de justo entusiasmo pela obra do nosso ilustre médico e sociólogo, prontificando-se a traduzi-la.

Estava ele empenhado nesse trabalho, de que Silva Mello já havia recebido os primeiros capítulos traduzidos — e ficara encantado com o estilo, a clareza, a meticulosidade de Mestre Putnam — quando sobreveio a tragédia do choque cardíaco que lhe cortou repentinamente o fio da vida...

De uma carta de Silva Mello, escrita ao ter notícia da morte pelos jornais do Rio, destaca o seguinte:

"... Fiquei abalado, como sob a impressão de uma catástrofe ou de um cataclismo. Confesso-lhe que a figura de Putnam havia alcançado um lugar todo especial cí nas profundezas do meu ser e que estava decidido a ir em breve à América, sobretudo para conhecê-lo... Mestre Putnam parecia-me tão simples, tão honesto, tanto como artista quanto como homem, que sinto a sua morte como a de um grande valor humano, de alguém merecedor de toda a nossa estima e admiração. E, na ignorância do seu físico e dos seus traços fisionómicos, vejo agora a sua fotografia nos jornais e fico ainda mais dolorosamente impressionado: vejo-o franzino, magro, com o aspecto de um homem triste e sofredor, talvez minado pela doença, talvez procurando no trabalho intelectual um refúgio para poder viver essa tremenda luta que é a existência. Tenho a impressão de uma perda irreparável, de um homem como têm existido poucos no mundo, cada vez mais raro dentro da nossa estúpida e trepidante civilização. Coitado do nosso pobre Putnam!"

Não preciso dizer mais: desapareceu um nosso grande amigo, o bom e simples Mestre Putnam.

New York: Janeiro de 1950.

UM DIÁRIO DE VIAGENS

SILVINO LOPES

UMA NOITE EM SINGAPURA

um verbo inglês, muito grato ao Jordão Emerenciano: "I am hungry, you are hungry, he is hungry".

Jantarei com Somerset Maugham.

UMA CAÇADA DE ELEFANTES

Estou voltando. De tudo que vi: Índia, China, Paris, Roma, Berlim, Tóquio, Londres, Viena, Budapest, Nova York, quase que não recolhi nada. Agora, porém, procuro juntar as impressões colhidas em Marrocos. Desisto, é outra droga Marrocos.

Mas, eu devo contar aí, aos meus leitores, a minha aventura na África. Devo dizer o que senti, velejando sobre as águas barrentas do Isaíra.

Depois daquela noite quente em que deixei Loanda, pensando em seguir direto para Kissanga, passei horas terríveis, alucinantes. Por que não mandei tocar o navio para aquela cidade do Congo Belga, que do rio se avistava, cheio de casas amarelas e brancas? Era a cidade Banana. Que nome bonito para uma cidade!

Pariei em Sazaire. Havia uma multidão de "Venus" negras. Para não beber água podre dos charcos recorri à cerveja. Se o Coimbra estivesse ali acabaria com a cerveja. Comia-se galinha com arroz e arroz com galinha. E era assim que eu devia me preparar para ir à caçada de elefante.

Quem diria que eu deixaria a rua do Imperador, o Teatro Almare, a festa da Mocidade, o escritório do Barros Lima, a Exposição de Arte Moderna, as composições do Sebastião Lopes, o Café Lafaiete, os ônibus das Empresas Unidas, para caçar elefantes na África? Mas, assumi com o Veloso, zelador da sede da Associação da Imprensa de Pernambuco, o compromisso de reforçar o seu quadro zoológico com um elefante.

Para o prefeito Morais Régo eu contava agarrar um leopardo que poderia dar um bom fiscal da Prefeitura.

A caçada teve início às 22 horas. A noite era escravissima. Um negro, seguindo um farolim, faz incêndio um jato de luz, sobre o mato. De instante a instante, diz o negro: Cuidado! Ouvei-se barulho no mato. Era um carnívoro. Estou com arma pronta a disparar. O negro também está armado. Divisamos a fera e dois tiros convergentes partem em sua direção. Corra! — gritou o negro.

Era uma jacassa. Continuamos a marcha, deixando aos corvos o bicho morto e fedorento. De repente, da garganta do negro, saem gritos:

Qié! Qié! Kiabiza!

Sabem lá o que é isto! O negro dizia: Qia! Qia! Que lindo!

Vê-se por aí que eu também podia traduzir "Edipo Rei" para o Teatro do Estudante. Era um velho búfalo.

Mas, o fato é que o relógio está me dizendo que já é tarde para o almoço. Deixei a pena e saio a recitar

lo. Perto havia um morro de salolé.

Búfalo não interessa, disse eu. Para caçar búfalo não sairia do Recife que é só onde há bicho de semelhante espécie. O negro ria-se. Foi-se a noite toda. Nada mais vimos.

Com que cara vou regressar ao Recife? Em lugar de um elefante levei para a Associação da Imprensa um macaco que é redator de jornal em Loanda. Escreve no estilo de Adalicio e é mais minucioso do que o Silvino Lira. Paro o prefeito, neca. Como caçador de feras sou uma lastima. Devo me dedicar à pesca, como São Pedro que foi o professor do mestre Vicente Fittipaldi.

Na próxima semana estarei assistindo ao enterroamento das estacas do futuro edifício IPASE. Quem enfrentou as matas da África de noite, não corre de um desmoronamento inevitável.

COM DOROTHY LAMOUR E GARY COOPER

Não demorei duas horas em Hollywood. Contudo, foi tempo suficiente para bater um papo com diversos amigos. Não vi Ingrid Bergman. Disseram-me que estava em Turim. Com os diabos! Em Turim esteve três dias, e o incrível Roberto Rossellini nadou me disse. Agora estou pensando que ele teve receio de me levar à presença da "estrada". O ciúme inferioriza as criaturas. Quem diria que Roberto Rossellini, a quem fui apresentado por Marcela de Marsi, se tornasse tão pequeno depois que se apaixonou por Ingrid!

Chovia em Hollywood, porém, era como se não chovesse, pois, eu passei a chuva no apartamento do dr. Peter Lindstrom. Eu, Peter e o dr. Gino Sotis conversámos sobre o divórcio. Mas, na verdade, eu conversei pouco, pois não sou profundo no assunto.

Assim mesmo não se esquecia de que estava em férias. Eu continuava completamente alheio à lei de férias.

Mandámos para o diabo a revista *Field and Stream*. Queria Farrington que eu e o Anselmo fôssemos para a Nova Escócia pescar atum.

Foi ai que me lembrei das grandes pescas do Hercílio Celso em Maria Farinha.

Se o Hercílio estivesse conhecido não escaparia um atum. E a festa seria como aquelas de Paulista.

Por que Hercílio não abandona a companhia do Duarte Filho, e vem ao nosso encontro? Poderia trazer o Vasco e o Marcellino em sua direção.

Corra! — gritou o negro. Era uma jacassa. Continuamos a marcha, deixando aos corvos o bicho morto e fedorento. De repente, da garganta do negro, saem gritos:

Domingo regressarei. Vou fazer um vôo de 35 horas.

Na terça-feira, estarei em Campo Grande.

Acabo de telegrafar ao Araújo Filho, pedindo-lhe um soneto dedicado ao atum.

QUITO «ARRABAL DEL CIELO»

Paro, olho e escuto.

Em Quito, as manhãs são mais do que encantadoras. Enchem-se as ruas das mais formosas equatorianas e estas passam pelos homens, sorrindo. Uma delas deu-me a impressão de uma salamandra coleando.

Queima-me o couro o sol tropical. Procuro por toda parte a estátua de Don Francisco de Grellana, o fundador da cidade de Guayaquil.

Mas, estou em Quito, capital do Equador, na Calle de la Ronda, em frente à casa de Jorge Bonoso Rumaza, meu amigo. É o criptico de arte da cidade.

Nada disto, porém, tem importância. O que me espanta no momento é a figura de um homem que parou à esquina da Calle de la Ronda e de lá não tira os olhos de minha pessoa.

Será possível? É sem tirar nem pôr a figura do dr. Melquiades Montenegro. Se a sorte me proteger, estarei com tudo em Quito, pois aquele homem só pode ser o Melquiades Montenegro. Já não me interessa falar com Jorge Bonoso Rumaza. Marcho para ele. Paro em sua frente. Interrogo-o:

— O senhor é o doutor Melquiades Montenegro?

O homem não respondeu. Olhou com um grande desprêzo. Pedi desculpa.

Al, o desconhecido, na sua língua, falou:

— Compareu-me bem. Mas, tenho a dizer-lhe, apesar, que me chamo Eduardo Kingman e sou periodista. Escrevo em *"La Hora"* e os meus artigos contra o governo são considerados tenebrosos. Nem sei como ainda há governo neste país com a força que tenho feito. No que escrevo ponho pólvora, caco de vidro, cabeça de prego, arrame farpado, sublimado corossivo, sal-amargo, pimenta de cheiro, ponta de faca e óleo de figado de bacalhau. Arraso tudo. Sou contrário a qualquer espécie de acordo. Quero uma política forte. E só conheço dois homens dignos do meu respeito: Simão Bolívar e Bento Juarez.

Em seguida, levou-me à redação de *"La Hora"*. É um prédio antigo, numa das ruas principais da cidade. O diretor do jornal, por medida de precaução, mandou escorar todo o prédio, acreditando na possibilidade de próximo terremoto.

Lá numa coleção de *"La Hora"* vários artigos de Eduardo Kingman. É furioso. Se ele escrevesse no Brasil o general Dutra já teria dado o fora. Quito — subúrbio do céu, como dizem os teus poetas, tens jornalistas para mais do contrário.

Vou levar Kingman para Alagoas a fim de restaurar o *"Diário do Povo"*.

Estou em Quito nesta manhã de fogo e ouro. Estou encantado com uma inédita catita que chamei para amanhã, ao Naty Mahots, festival teatral, em



Silvino Lopes por Ismailovitch

Bombaim. Ai se eu tivesse a técnica de Júlio Barbosa!

Gostei do espetáculo. Mas, a opinião geral é que "Amor" do Odvaldo Viana é muito mais engraçado do que *O nariz*.

O Teatro Indiano Nacional não tem a organização do Teatro Bancário de Pernambuco, porém pode ser visto sem enfado.

Ao sair do Teatro topei com o escritor Khawaja Ahmad. Fomos para um bar e começamos a beber vinho de Missa Negra. Enquanto bebemos, ele vai me dizer:

— O teatro moderno indiano, instituição viva e floriente em Bengala e Maharashtra, apesar da séria concorrência comercial do cinema falado, continua a evoluir, desprezando as banalidades das "companhias teatrais" em hindustani, tendo entretenimento sofrido por muitos anos as limitações do drama ibseniano, fonte de sua inspiração. As peças de conteúdo social provaram, entretanto, que podiam corrigir o snobismo da classe média; todavia, o teatro não atingiu padrões artísticos elevados, afastando-se do contacto com as massas. Tanto em Bengala como em Maharashtra grandes atores se fizeram notar. Mas a dinâmica da luta nacional pela liberdade e a pressão da ideologia socialista contribuíram para dar novo espírito e nova vivacidade ao teatro indiano, emprestando-lhe uma nova direção.

A esta altura eu já estava um pouco grogue. Pensei que ouvia o dr. Valdemar de Oliveira.

PESCANDO ATUM NA SUECIA

Em Estocolmo, a maior atração turística é a pesca.

Ao pôr do sol, lanço-me ao estreito de Oresund e,

em companhia de Mr. Kip Farrington Jr., parto para a pesca de atum.

Mas, aqui, tudo se pesca: o salmão, a truta, porém a sedução é mesmo o atum.

Assim, enquanto, no Recife, figuras de projeção social e política, inclusive representantes do povo, tomam parte no concurso de papagaios, promovido pelo dr. Césio Regueira Costa, da Diretoria de Documentação e Cultura, eu entre num concurso de pesca, tendo como competidor Mr. Kip Farrington, redator da revista *Field and Stream*.

Kip Farrington está passando as suas férias na Suécia. Ele e eu estamos em férias, posto não seja do meu conhecimento o motivo que o fez deixar o batente.

Mr. Kip Farrington é homem rico. Assim, só pelo gosto de trabalhar para uma revista seria capaz de renunciar a toda espécie de pagamento pelo seu trabalho.

Em Estocolmo encontrei outro homem maravilhoso e muito conhecido no Recife. Que alegria senti ao vê-lo.

— Homem de Deus eu te fazia na Noruega!

Não queiram saber quem foi o homem que encontrei em Estocolmo.

Mas vou sempre dizer, para alegrar o seu grande amigo — o professor Gilberto Osório.

Foi de quem ele se lembrou, num alarido, assim que me viu.

Apresentei o Manuel Anselmo, o cônsul de Portugal na Noruega, ao meu amigo Kip Farrington, e quando voltei do mar alto, o brôdio no Hotel Sueco foi de tirar juizo.

As folhas tantas, Manuel Aderbal Jurema, do Silvio Rabelo, unha na carne de Gilberto Freyre, e as garrafas foram ficando mortas.

(Continua na pag. 17)

(Continuação da pg. 4)

nho com títulos suficientes para compreender esta análise; segundo, porque a argumentação de um facto serio só entre pessoas também serias e os estudantes é muito ridículo. E por isto que vou ridicularizar o pouco já que sua compreendido mais se estende ao ridículo. O sr. usa óculos de grau, sem ser myope? (Entendo myope de vista, da inteligência eu avalei relo seu artigo). Ou soube que o dr. Romero criticou Sotero dos Reis, por ter conversado com uns dos principais personagens do seu artigo, ou «pobre carvoeiro literário» Albino Meira? Só pelo afirmativo à segunda interrogação poderá o tal sr. anista justificar sua estupenda opinião sobre a questão entre o doutor Romero e o jesuíta Meira, que tem a pretensão de ter levado de vencida ao judicioso crítico, não se lembrando ele e o seu admirador do silêncio que professaram. Um conselho de amigo: esqueça-se do dr. Romero o católico novo e o zólio do artigo, o bacharel é pior que o choque elétrico do «Nautilus» submarino de Júlio Verne. Não o intimando a penas do dr. Sylvio, que estou certo não se lembrará do sr., entremos em um outro topo do seu artigo: «não foram respondidos os argumentos do dr. Belfort; ou tem o sr. estudante muito interesse de lisonjejar o doutor Belfort, ou não assistiu a defesa de teses ou se assistiu era uma máquina de abstrações. Em que se baseia o sr. para avançar que o sr. dr. Silvio esteve quase em confessar que sua tese era incompleta? Sem dúvida não pesca o sr. anista patavina da Economia Política, disto estamos convencidos e não nos apressamos em classificar sua assertiva de pretensiosa hipérbole. As grandes dificuldades em que diz o articulista ter colocado Coelho ao dr. Romero é o único ponto em que nos achamos de acordo. Com efeito, não é fácil a quem tem consciência do que é e do que vale aceitar o ridículo por mais de uma vez atirado sobre si sem colocar em uma posição bem difícil, não de corda de viola, mas de quem tem de manifestar independência de suas ideias a uma sociedade toda de servilismo. E abrir luta de protestos e menações mesquinhassas coube muito comum a maior parte dessa Faculdade. As ordens, sr. anista, Recife 20 de Março de 1875. Um estudante de medicina.)

Em ofício de 17 de Maio de 75 Paulo Batista comunicava ao Cons. João Alfredo o resultado do concurso de Filosofia para o Colégio das Artes, informando que Sylvio classificara-se em primeiro lugar e que a Congregação não havia feito indicação de seu nome e, ainda, que a respeito de um dos concorrentes tinha informações circunstâncias que constam do ofício reservado que vai junto. Franklin Távora, na 2a. diretoria, ao receber o ofício e sentindo a má vontade da Congregação deu uma informação aíre: «Não a que resolver a vista do parecer da Comissão Julgadora, que não considerou nenhum dos candidatos no caso de ser proposto. Quantas à consulta que faz o diretor a saber se não obstante o voto da comissão, com o qual se declarou de acordo está ele obrigado a fazer a proposta de que trata o art. 79 do Regulamento; é fora de dúvida que semelhante proposta fora descabida. Neste sentido deve responder-se ao diretor devolvendo-a elle as provas dos candidatos para serem archivadas na Secretaria da Faculdade; e recomendando-lhe que anuncie novo concurso caso S. Excia. Sr. Ministro pareça lhe conveniente».

O ofício reservado a que alude Paulo Batista é transcreto, agora, pela primeira vez, depois de examinado dos arquivos:

Ilmo. e Exmo. Srur.

Nesta informação, que é reservada na forma do art. 83 do Regulamento das aulas preparatórias, e a respeito do concurso havido nesta Faculdade, para preenchimento da cadeira de Filosofia, tenho a dizer a V. Excia. que o primeiro candidato Sylvio Romero é aquele mesmo que defendendo teses injuriou e sem motivos os Lentes examinadores, como já foi por mim participado a V. Excia. em data de 19 de Março proximo findo.

Este moço, segundo informações que tive depois fornecidas por pessoas fidígnas, e que fomos até colegas delle, é de um orgulho e irascibilidade invejável,



Nasgo — desenho de ZULENO PESSOA (Coleção A. J.)

por quanto mesmo durante o tempo que frequentou as aulas desta Faculdade vivia em isolamento, por que seus colegas fugião de ter com elle discussões ou mesmo em tais tratos pelas respostas offensivas que lhes dava chamando-os de ignorantes e burros de sorte que na defesa de teses não foi mais do que dar mais uma prova de que elle é, entretanto eu e outros Lentes não sabíamos disso.

Tendo ele apresentado folha corida com que se inscreveu para a defesa de teses, foi com este mesmo documento admitido à inscrição para o concurso dando-se depois disto o incidente desagradável no acto de defesa de teses, entenderam alguns dos nossos colegas que havia motivo bastante para eliminar do concurso esse estudante mas não vendo eu disposição alguma na lei que a tanto me autorizasse e estando já aquela ocorrência submetida ao conhecimento de V. Excia. julguei não dever excluir o referido candidato, depois de inscrito, como se achava, para que não desse lugar a que maus animos atribuissem a esse meu acto uma punição arbitria e ilegal.

Quanto aos demais candidatos não tenho a dizer que os desabone em sua conduta civil e moral, limitando-me a dizer o segundo classificado, Vieira, se bem que não esteja actualmente preparado para professor de Philosophia é um moço talentoso, e estudioso, assaz moralizado e aprovado diversas vezes com distinção nesta Faculdade e por conseguinte em condição favorável para ser um bom Professor no futuro, ao passo que os tres últimos não estão nessas mesmas condições.

Deus guarde a V. Excia.
Secretaria da Faculdade de Direito do Recife 14 de Maio de 1875.

Ilmo. e Exmo. Srur.

Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império. Aniliou o Governo o concurso. No ano seguinte, 1876 teve lugar o segundo, inscrevendo-se Sylvio Romero, Antônio Luiz de Melo, José Virgílio Carreira de Queiroz, Francisco Gomes Parente e José Bandeira de Melo.

Desistiram à última hora, Gomes Parente e Virgílio de Queiroz. O primeiro, anos depois, mediu forças com Tobias para ser frigorosamente derrotado.

A banca examinadora constituiu-se com Paula Batista, na presidência, Conselheiro João Silveira de Souza, Pinto Júnior, Soriani de Souza e P. Graciano de Araujo.

Antes de entrar em exame, Sylvio fez a seguinte declaração à Provinça:

Concurso de Philosophia (Ao público)

Depois de um incidente desagradável a um fui aspiramente provocado pelo sr. dr. Coelho Rodrigues, no acto da minha defesa de teses, apresento-me ao concurso de philosophia a que vai proceder na Faculdade de Direito. Só o faço por me ha-

ver anteriormente inscrito para elle. Não que eu receie cousa alguma da parte dos concorrentes; é que não tenho a mais leve confiança na scienzia dos julgadores da Academia, e tão pouco na sua incapacidade. Isso aumentou de ponto, depois que soube que os srs. doutores Coelho e Belfort são dese numero! Admira que tão facilmente procurem estes srs. julgar a um individuo com quem, ha muito tempo, tão fortemente malquistaram-se!!!

Em todo caso, eu não recuo nem vejo motivos para isso. Desde já previne ao publico dessa circunstância pois deve ficar bem clara a justiça que vai presidir ao meu julgamento. O facto merece reflexão. Recife 26 de Abril de 1876.

Sylvio Romero.

Como era de esperar, Melo Vieira classificou-se em primeiro lugar, cabendo a Silvio o segundo.

Maina uma vez Paula Batista ceficiava reservadamente ao ministro, num documento que é um instantâneo do carolismo, como se achava, para que cogumelava a nossa Faculdade.

Reservado

Ilmo. e Exmo. Srur.

De conformidade com o que dispõe o artigo 83 do Regulamento das aulas preparatórias tenho a honra de informar reservadamente V. Excia. sobre o concurso de Philosophia, que acaba de ter lugar, e cujo

processo junto ofereço a consideração de V. Excia.

Quanto ao candidato Antônio Luiz de Melo Vieira que foi classificado (e a meu ver com tudo justa) em primeiro lugar, cabe-me dizer que esse moço, que já tomara parte no primeiro concurso, havido em Abril do anno passado, para o reenrichimento desta mesma cadeira, é de uma conducta em mancha, de carácter brando e pacífico, e de bastante talento, como o confirmaram as diferentes aprovações com distinção que obteve, durante o seu curso acadêmico. Além disto, quer nesta, quer no concurso anterior o Bacharel Melo Vieira mostrando-se adiantado no conhecimento das sciencias philosophicas seguiu sempre a escola philosophica pura e christã.

Quanto ao candidato Sylvio Romero, cumpro-me informar que sendo elle também como aquello de reconhecer talento, e mostrando-se igualmente adiantado no estudo da philosophia, revelou-se pelo contrário sectário da doutrina positivista, e adverso á christã, donde resulta que falla de todos os sistemas philosophicos, sem nenhuma construir sobre algum delles. Ainda sobre outro ponto, se destaca o Bacharel Vieira, e é na irascibilidade de genio, como ber, o revelou e mesmo Romero no acto de defesa de teses a que se sub-

metteu nesta Faculdade, por cuja occasião injuriou a Congregação dos Lentes, e Interrompeu o acto, lecatando-se precipitadamente, conforme o tudo foi inteirado o Governo Imperial. Quanto finalmente ao candidato José Bandeira de Melo, conforme-me com o

Principio das Provincias, que bem

considerou não haver este can-

dido dito causa alguma so-

brente a prova oral.

Deus guarde V. Excia.

Secretaria da Faculdade de Direito do Recife, 26 de Abril de 1876.

Ilmo. e Exmo. Senr. Conso. José B. da Cunha e Figueiredo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio.

Sylvio experimeta cortar a política jesuítica do Director. Lirig-e-se numa missiva diretamente ao Conde D'Edu, carta essa até hoje inédita e que nos revela um dos momentos dramáticos de Sylvio na sua luta pela vida:

Senhoro:

Outrora os subditos escrevi-

am aos seus Soberanos, e leva-

vam até junto ao Throno os

seus anellos ou as suas quel-

xas. A velha e altamente nobre Monarquia Portugueza, que

ainda é conhecidas e partilhadas

São, porém, aquellas idéias

e defendido, comidas e seve-

ras, firmadas na critica dos

sistemas extremos em que

que é de certo oposição que

que se achava ligado a

um brillante renôvo na Ameri-

ca. Permitti, poia que eu use

dirrigir-me, particularmente, a

V. A. Imperial para levar ao

V. A. Imperial para esclarecer o

facto que tenho por anormal.

E este:

Desejando pela natureza de meus estudos e pela necessidade de publicar os meus escriptos, estabelecer-me, depois de bacharelado, em um dos grandes centros populares do país, procurei esta cidade, onde encontrei e donde minha pobreza não me permite sair, e neste intuito pretendo ocupar um dos logares co ensino secundário ou supe-

rior do Imperio.

Meu delito, Senhor, é haver

tido a coragem de na qualida-

de de critico e homem de le-

ituras, profligar na imprensa

algumas doutrinas aceitas a

afagadas por alguns individua-

los, que, por sua posição oficial,

é hoje chamados para julgar

me em um pleito científico...

Não posso ser bem sucedido

julgado por meus inimigos par-

culares, e rivais, e doutrinas!

Levando ao conhecimento de V.

A. Imperial os sucessos um

pouco dissonos exalados nesti-

a arta e nos jornais que vos re-

metto, tendo convicção inabal-

vel de que me faria a mais

completa justiça. Espero que o

heróico Principe, que tantos ma-

nes reparou em nosso glorioso

xercito, debaixo do Seu bri-

llante comando, lancará tam-

ém sua benfeitoria mal entre

m e a pequena fracção do

Colégio das Artes, anexo à Fa-

culdade, que me é adversa, para

garantir-me em meu direito. Es-

pero que sem protecção que as-

so não tenho, no mundo oficial bas-

tar-me o ter salado francamente

até junto ao Throno de S.S.I.

e Sereinissima Princesa a Senhor-

a D. Isabel, por intermedio do

Seu Augusto Imperador, as mis-

quais para encontrar a jus-

tiga a par da benevolencia.

De V.A. Imperial.

Subido Reverente.

Sylvio Romero.

Nenhuma resposta veio do

Conde D'Edu. Sylvio abandonou

o emprego da rebeldia e da digni-

cidade da cultura. Anos depois

o seu dileto amigo Artur Orlando,

este com mais altéves e sem

maiorcação, abandonava a banca

de exame por não poder super-

ar a ignorância de Congrega-

ção.

Artes Plásticas

(Continuação da pag. 11)

entou que os artistas quando protestam contra esse estado de coisas atual não estão sendo como dizem: "homens muito avançados". O que se dá — explica ele — é que as soluções que estão atrasadas demais.

Em 1939, sem que houvesse processo, somente porque atacava

o Estado Novo, passou oito

meses metido na velha Deten-

ção do Recife. O Delegado da

Ordem Política e Social a ma-

neira de Goebels, meteu-o no

xadrez sob a alegação de que

os artistas eram comunis-

tas. Nada foi esquecido para se

dar a capital pernambucana

de uma sociedade que faria in-

veja a qualquer congénere dos

países mais adiantados. Hélio

Feijó sustenta que concretiza-

ra sua vontade de fazer do Re-

cife um meio realmente artís-

tico e para isto conta com a

valoroso grupo que constitui

a diretoria da Sociedade.

Hélio volta a falar da S.A.

M. Pretendo inaugurar em de-

zembro sua escola de arte mo-

derna com curso de todas as

artes plásticas. Este ano fu-

cionou apenas o curso básico

de fotografias, de onde já saiu

diplomada uma turma. Seu

grande entusiasmo atualmente

é pelo escultor Abelardo de Ho-

ra, pelos trabalhos expostos há

pouco tempo na Associação dos

Empregados no Comércio.

Depois de um incidente desa-

gradável a um fui aspiramente

provocado pelo sr. dr. Coelho

Rodrigues, no acto da minha

defesa de teses, apresento-me

ao concurso de philosophia a que

vai proceder na Faculdade de

Direito. Só o faço por me ha-

ver despedir alguém lembrando

que o Estado deveria ter

revelado alguma simpatia pela

S.A.M.R. Coisa de somenos ex-

plícias o pintor pernambucano.

De sério e de peso é a So-

ciedade de Arte Moderna que

ele vai, carregando nas costas

até que Deus mande bom tem-

po.

s. cinco meses depois! A razão, Senhor, desta demora é muitas parecer caprichosa. Eu tinha receio de ser arredado da ligação, por que tivera lugar entre mim e o Sr. Dr. Antônio Coelho Rodrigues, homem conhecido por violento em todo o país, e qual provocava-me de um modo descommunal no acto de minha defesa de teses para doutorar, acontecendo pouco antes do primeiro concurso de filosofia... Mas o integral poder judicial fez a devida justiça a um tão revoltante escândalo, e fui em audiencia, propria e peremptoriamente demovido.

Tudo isto poderá V.A. Imperial apresentar pela leitura dos dous exemplares da «Província» publicados sob as atas 1 e 4 em que discute (sem resultado) o abusivo sucesso, e que também tenho a honra de submeter ao juiz imperial de V.A. Imperial.

Tomei, pois parte no segundo concurso; mas ainda deparou-me a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desfetos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sabia da outra vez classificado em segundo lugar! Ultimadas as provas escritas e rascunhos, a aula votou a favor de V. Excia. e alege a aula a sorte com uma comissão suspeita para julgar-me, pois entramos para ella indivíduos que me são inteiramente desf

SOBRE ARTUR RAMOS, SEM VOZ

(Palestra na ABDE, secção de Pernambuco)

GONÇALVES FERNANDES

Esta sociedade de escritores, cumprindo um velho ritual conservador, decidiu que, em homenagem à memória do prof. Artur Ramos, se dedicasse uma sessão especial e me endereçou um convite para — pessoa estranha aos seus quadros — falar sobre o grande antropólogo morto. Não sendo escritor, mas apenas alguém que escreve algumas vezes para fixar tão somente as suas observações de psiquiatria social — ângulo especulativo em que Ramos foi mestre — agradeço a liberalidade dos homens de letras do Recife, mas creio que vou decepcioná-los. Porque é muito difícil falar sobre Artur Ramos, a sua vida e a sua obra. Naturalmente que qualquer um pode dizer: Ramos nasceu na cidade de tal, no dia tanto, fez seus estudos de humanidades em tal Liceu, graduou-se em Medicina em tal faculdade, foi legista do Instituto Tal, fez sua docência-livre e quase que o reprovavam porque teve a ousadia de apresentar uma tese versada em assunto pouco conhecido para venerandos professores que o aconselharam paternalmente a tomar tanto, que mostrou saber igualmente os clássicos e que esta chance o fez ser "complacente" admitido na ensinância livre; que na província provou como poucos o amargo da inveja; que o retomar da poeira dos arquivos, dando-lhes continuidade, os estudos de Nina Rodrigues — outra malvária já consagrada então porque morto — fez despertar sobre a sua pessoa naquela Bahia de todos os santos uma discriminação que faz sofrer a qualquer homem gordo (Ramos era um gordo, com todas as suas virtudes e defeitos); que foi se embora para o Rio; que apoiado por Afrânio Peixoto começou a escrever livros de psicologia médica, editada pela "Guabara" na coleção dirigida pelo velho Mestre baiano ("Psiquiatria e Psicanálise", Freud Adler e Yung etc...); que foi o criador do primeiro serviço oficial de Ortopenia e Higiene Mental Escolar e seu diretor; que abriu novas caminhos aos estudos de antropologia cultural com a sua "Biblioteca de Divulgação Científica" editada pela "Civilização Brasileira", onde lançou seus livros — base e estrutura do que mais sólido se escreveu até hoje sobre o negro no Brasil e os livros de novos autores de província, então anônimos e dispersos; que reeditou Nina com novas cores de resurgido, com comentários e notas, atualizando-o; que foi professor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil — mas não um professor apenas para notícia de jornal, manifestação de agregados e informações para os outros vêr, não um professor dum aula só fixada à "flash" para vespertino, de aula lida e única e, para que mais? mas um professor de todo dia que deixou até o seu serviço médico para entregar-se todo ao ensino do que sabia realmente e não para falar de si mesmo ou para viver ruminando compilações pitorescas escritas em volumoso glossário, e carregado sempre às costas como o balhão do homem da Emulsão de Scott por tantas "glórias Federais"; que realizou um trabalho sério de pesquisas científicas no terreno da antropologia cultural; que publicou sobre o negro brasileiro um livro em língua inglesa (livro que lhe foi solicitado e cujo contrato sobre os direitos autorais, por um feliz acaso, eu tive a honra de assinar como testemunha, há uns bons dez anos atrás; que sem noticia em jornal realizou cursos em Universidades Norte-Americanas ("falando um excelente inglês" dizia-me no Grande Hotel o prof. Herskovits, em sua visita ao Recife ao começo da guerra, só extrañando certas expressões de Ramos à mesa quando respondia "I accept", quando lhe oferecia é um prato... usando em inglês uma fórmula nitidamente brasileira, via-se assim, em Ramos, analiticamente, o seu brasileirismo que ele não conseguia mascarar); que foi para a ONU sem girandolas, nem notícias em negrito, sem entrevistas nem telegramas de homenagens para uso externo; que morreu assim como viveu: com a discreção de quem pede desculpas por estar morto e ir dar muito trabalho aos que ficam com cerimônias, sessões solenes mas de sétimo dia e entérro bom.

Um literato distinto poderia ainda fazer um paralelo entre Artur Ramos e Nina Rodrigues: ambos viveram na Bahia, ambos revolveram a vida dos negros, ambos desvendaram aqueles candolés que a imaginação popular dizia defendido por maléficos tabás, e ambos morreram em Paris, sem que se esperasse, — vejam o efeito da frase — como que vítimas da maldição absurda dos velhos orixás!

Esse Artur Ramos, qualquer um pode falar sobre ele. Enumerar todos os seus livros, todos os seus títulos, dizer que não foi catedrático por hereditariade nem de nenhuma escola de familiares, nem preferiu ninguém, nem tomou o lugar de ninguém, nem deixou que o beneficiasse injustificando quem quer que fosse, que jamais afirmou ser um "cientista", nem um "escritor" nem um "professor", que os outros é que o chamavam assim. Esse foi um Artur Ramos que qualquer um pode falar sobre ele.

Mas o Artur Ramos que eu conheci através de cartas escritas a um obscuro médico, então recém-formado; que conheci pessoalmente, depois no Rio e com quem conversei diversas longas véses durante dois anos, gordo, risônho e miope, compreensivo mas de poucos amigos, alergico a certas igrejinhas Super-literárias e cooperativistas, esse Artur Ramos que morava àquele tempo por cima do último andar do Edifício Milton na praça do Russell, esse Artur Ramos de Luisa Galet Ramos (um gordo e uma magra que realizavam o mais perfeito matrimônio), esse, é muito difícil falar sobre a sua personalidade. Nem creio que ele aproveasse um rosário de elogios encomendados, nem que agora permitisse que o chorasse morto. Se vivemos rodeados de tantos sábios que já sugeriram ou atingiram os grãos da imortalidade terrena que lhes parece caber, devo lhes dizer que Ramos gostaria muito que deixassem estas homenagens para alguma viva que precisam muito mais delas que padecem, sofrem e morrem por uma palavrinha. Nem cerimônias, nem palavras bonitas, nem crepes, nem luto para os outros vêr, eis uma fórmula mais própria para homenagem a memória de Artur Ramos.

André Birabeau, num pequeno conto, publicado em "coronet" e classificado como "satirical" ("Luto para um — Os trajes do pezar não são para o mundo, mas para a pessoa que perdeu alguém", conta-nos a história de alguém que tinha demasiado respeito pela alegria alheia e dizia: "Que culpa têm os outros de que a infelicidade se abata sobre mim? Só porque perdi alguém que me era querido, com que direito me dirijo entristecido aos que nem sequer me conhecem, estragando-lhes o prazer momentâneo (como se se pudessem ter muitos!), lembrando-lhes brutalmente que a infelicidade existe, justamente quando, por algum milagre, possam estar um desses momentos em que não pensavam nela? Considero isso monstruoso. CADA UM CONSERVE MESMO O SEU PEZAR".

Aí está uma teoria que me parece boa sobre o luto secreto, para uso comum, pois perder pessoas queridas não constitui nenhum privilégio, nem prerrogativa, nem direito privado. Porque, pois irradiar a outrem tão só por convenção, o pezar esta sessão, e que palavras convencionais devam ser pronunciadas em tom compungido, tal como faz um locutor de estação de Rádio (embora devo anunciar em tom de voz alegre o próximo samba?)

A morte é, naturalmente, o sabido acontecimento com que todos se habituaram nos outros. "Suporta-se, sem dúvida, muito bem, a dor do próximo..." Entre um número de músicas e um anúncio de tintura para os cabelos, vem todo o dia a noticia em voz grave: "Fa-le-eu hoje... etc." E' a chamada morte dos outros, um fato tão banal, fora do seu círculo afetivo, que já se tornou esquecido quando mais um número enche o ar. Mas para que dizer que a morte de Ramos, para nós, não foi uma noticia de rádio? Que foi como a visão dum calamidade súbita imprevista, inesperada e brutal? Dizem que os médicos se habituam com a

morte: acho que este é um êrro macabro. Os que a enfrentam e sabem que, malgrado o ardor da luta sem descanso, terminarão sentindo, melhor que ninguém, a sua aproximação e a sua vitória inexorável, nem por isso andam a repetir, como os trapistas: "Irmão, lembrete da morte", embora, como elas, vivam cavando a sua própria sepultura. O drama íntimo do médico, talvez por isto mesmo, lhe destenda a sensibilidade e a compreensão da sensibilidade alheia e da alegria alegria de viver, mas também lhe dá uma medida de desprêzo por certas convenções, pela mentira social aos exemplos. Para que falar, então, de Ramos morto, se podemos conversar sobre Ramos vivo?

Ramos, médico de almas e clínico da vida social, um investigador nato da vida de mortos e de vivos, quando legista, partiu pelos caminhos da medicina para a Antropologia Cultural. Mas foi sempre muito pouco "doutor", despindo-se, tão breve terminadas as cerimônias, de todos os símbolos, rituais, ornamentos e "ar profissional", que constituiam o "chachet" dos mestres do seu tempo e a pontinha de orgulho dos médicos que vieram depois. Tinha mais um geitão assim de colegial, de meninão que não esconde o seu entusiasmo por histórias de quadrinhas e por fitas de "West". O convencional para ele era apenas um fato observável e ninguém melhor do que ele registrou a marca do tempo em que vivemos, abrindo brechas sobre certas características culturais brasileiras, melhor analisadas pelas que se formaram na investigação da conduta e do conteúdo do pensamento formal. Características culturais... Eis aí um assunto dum aula de mestre Ramos, e pouco divulgado, um assunto sobre o qual Ramos discorreu lá para 1938, e no entanto tudo é tão atual e, talvez, numa sociedade de escritores, não fique mal escutar-se não o Ramos vastamente antropolista, mas, particularmente, o psicólogo-social, numa das suas interpretações mais agudas sobre a vida cultural brasileira.

Creio que não pode haver melhor homenagem a Ramos do que senti-lo vivo e entre nós, escutando o seu ensinamento nesta recomposição do seu trabalho, que publiquei, então secretário da Revista do Brasil, no seu número 3. Dizia Artur Ramos sobre "Notas psicológicas sobre a vida cultural brasileira":

"A análise psico-sociológica da vida intelectual dos povos, das próprias condições psíquicas da sua cultura, revela um conjunto de dados curiosos, que seria interessante aplicar ao caso brasileiro.

Muitas universidades europeias e americanas incluem nos seus cursos de sociologia, cadeiras de "sociologia do conhecimento", onde se faz uma análise da vida intelectual em tópicos como: pressuposições e preconceitos, finalidade do conhecimento, objetividade, ideologias políticos-sociais, "intelligentsia", relações entre o pensamento, a ação e a crença, propaganda e popularização do conhecimento, "indoctrination", etc.

No próprio domínio do pensamento puro, as condições históricas e sociais modificam a essência mesma da função de pensar. Kurt Lewin, em ensaios notáveis, mostra hoje como ao "pensamento aristotélico", orientado dentro das noções rígidas de causalidade, pensamento classificatório e esquemático, se contrapõe o "pensamento galileico", móvel, dinâmico, "fóra da lei".

A psicologia da cultura, com os Lévy-Bruhl, os Graebner, os Werner, os Sapir, os Dollard... vem de outro lado demonstrar a relatividade do pensamento e da lógica, as variações da noção de "valor", com os diversos grupos humanos, oscilando desde o pensamento primitivo-catártico até o pensamento lógico-ocidental. Mesmo neste último, permanecem os resíduos afetivo-primitivos do pensamento, que se entretemosram nas condições várias do sonho, da arte, da neurose... E' claro que não ligo aqui o conceito de "primitivo" a nenhuma condição antropológica racial. Não há nenhuma especificidade de pensamento racial, como querem os racistas alemães, propondo a

separação da lógica ariana do pensamento "dissolvente-judaico".

A relatividade da lógica e do pensamento está ligada a influências socioculturais. E é isto que deseja demonstrar a sociologia do pensamento, quando realiza hoje uma confluência notável entre a psicologia e a sociologia. Parece que cada vez mais nos vamos distanciando de uma psicologia pura, que ficaria relegada ao polo exclusivamente psicológico, bem como de uma sociologia pura, que não desse conta do elemento psicológico humano. McDougall numa série de conferências recentes, dizia que, ou a psicologia tornaria a sociedade como o seu campo por excelência de estudos, ou desapareceria como ciência. A verdadeira psicologia humana é hoje uma "psicologia social", que estuda o "homem" dentro de "tódas" as condições que determinam ou modificam os seus processos de pensar.

A vida intelectual do Brasil merece um estudo dentro deste critério. Seria interessante fazer-se uma psicologia da cultura brasileira, na análise dos processos da sua vida mental. Esta nos surgiria ainda evitada de defeitos, próprios das culturas ainda na infância. Apenas rapidamente abordo o tema, no momento, desvendando algumas causas psico-sociais destes defeitos, muitas delas já apontadas, aqui e ali, por vários estudiosos e ensaiistas, mas ainda não analisadas detidamente nas suas determinações sutis. Muitas destas causas são predominantemente psicológicas, outras mais especialmente sociais, variadas de indole propriamente econômica, histórica, etnográfica, mas tôdas, em suma, de natureza psico-social. Examinemos rapidamente algumas destes aspectos.

I — O culto da palavra — É uma sobrevivência da mentalidade primitiva (no sentido cultural, bem visto). No primitivo, o pensamento está ligado intimamente aos símbolos concretos. A palavra é um grande condensador de símbolos. E por isto vem carregada de elementos emocionais e motores. O primitivo fala mais por gestos. A sua mimica é exuberante. Já mostrei em mais de um trabalho, a tendência do brasileiro a esta dispersão verbal, a este culto intensivo da palavra.

A nossa história está cheia de discursos empolados, eloquentes, cheios de palavras sonoras, que adquirem valor essencialmente emotivo. A idéia é sacrificada sempre à forma. "Peço a palavra!" é um símbolo da nossa vida de pensamento. O parlamento brasileiro sempre foi um viveiro de portentosas verbiagem. As nossas figuras mais representativas sempre foram o deputado patativa, o demagogo da rua, o orador dos salões ("neste momento solene..."), o orador do subúrbio, o discursador de enterrões...

Na palavra escrita, é a mesma coisa. A fórmula verbal é sagrada. Acredita-se naquilo que está no papel. A nossa burocracia é um imenso papelório. Um decreto ministerial uma vez publicado, é confundido com o fato realizado. Há uma confluência do pensamento imaginativo e realístico, pelo poder mágico concedido às fórmulas verbais.

Os nossos maiores problemas são resolvidos por decreto. Otávio Tarquino comentava comigo, há dias, o fenômeno incrivelmente brasileiro, dos exames por decreto, numa lei famosa que anunciou venda de cultura a retalho...

2 — O culto do doutor e a caça ao diploma — E um velho defeito da cultura brasileira. As nossas escolas superiores até agora só têm "fabricado" doutores. Isto é: profissionais, munidos de diploma e anel. "Sabe com quem está fando?", é outro "slogan" brasileiro. Todo o mundo é doutor, mesmo os que não o são e ocupam um lugar de preeminência no cenário nacional. O objetivo dos estudos superiores, nestas condições, não é a aquisição de uma cultura "superior", mas a caça ao diploma, seja por que meio for. Sobrevivências do amor primitivo aos enfeites, aos adornos, símbolos de poder e de dominação.

3 — Primarismo, auto-didatismo,

(Continua na pag. 8)

(Continuação da pag. 7)

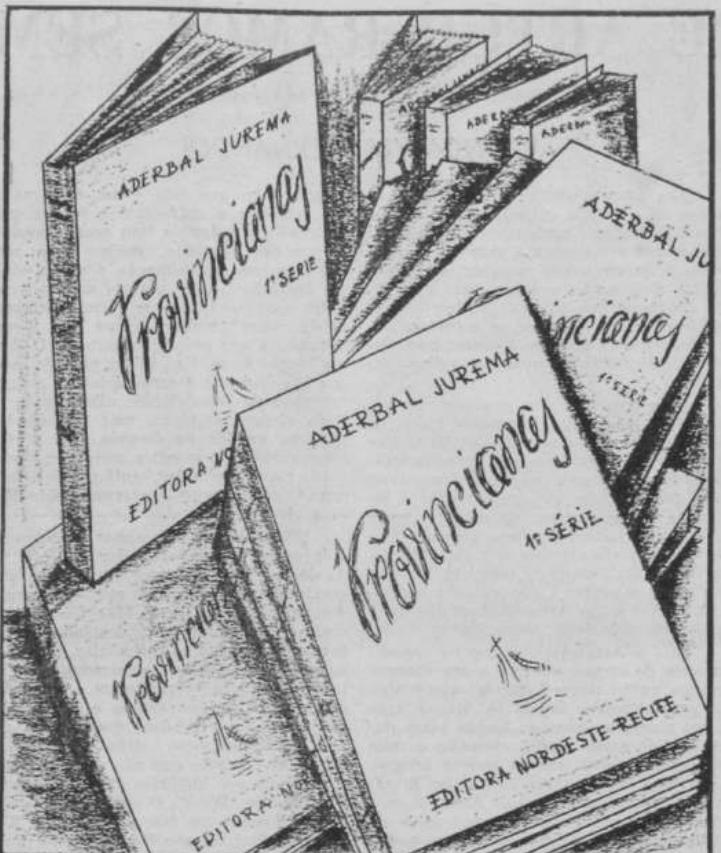
narcisismo... — Estão ligados intimamente. Na falta de uma orientação, realmente eficaz, do nosso ensino superior, o indivíduo "privilegiado" em inteligência, ou que se julga tal, tem que despender um esforço para a aquisição de cultura. Torna-se auto-didata, aos tropécos, às carreiras, lendo tudo, devorando tudo, com desfreguidão, sem o menor trabalho seletivo. Pode atingir, então, nestas condições, a posições brilhantes. E se julga-se único, dentro do seu domínio. O auto-didatismo reforça, no Brasil, aquela percentagem de narcisismo, que é quasi generalizada entre nós. Os auto-didatas, privilegiados que conquistaram um lugar ao sol na vida intelectual brasileira, julgam-se sérões inatacáveis. "Allmacht der Gedanken". Na esfera científica e literária, tornam-se aqueles "donos de assunto", a que se referiu certa vez Dante Costa, ou os "latifundiários" de que falou Peregrino Júnior, em crônica brillante. Os "donos de assunto" pululam no Brasil. E mesmo quando o indivíduo não tem vocação para senhor feudal e dono de latifundiós, as más línguas o perseguem e ele não tem como fugir ao seu destino.

Na esfera administrativa, o narcisismo é responsável por toda esta descontinuidade administrativa em que temos vivido. É verdade que não poude haver ainda uma separação a assegurar a continuidade desta última. Mas, além desta causa, há outra, dominante, do administrador narcisico, que nega a obra do seu predecessor. E daí o querer destruir tal reforma anterior e "criar" uma nova. O pensamento imaginativo e narcisico é "criador", mas um criador todo-poderoso que quer fazer surgir um mundo do nada. O administrador narcisico faz "tabula rasa" de tudo o que o precedeu, de tudo o que "não é ele". Consequência: pode ser muito interessante o que ele faz do ponto de vista individual, mas sem continuação, sem ligação com as reais necessidades da comunidade. Esta é a história psicológica das nossas reformas sucessivas e das soluções de continuidade da nossa vida cultural.

4 — Culto das coisas concretas — Entre nós, ainda é ciência apenas aquilo que se vê, as coisas tidas como positivas ou reais. Ainda uma modalidade do pensamento primitivo que pensa em imagens visuais. "Sábios", entre nós, são doutores de medicina ou naturalistas. Psicólogos e sociólogos... só para os cartomanentes. Nunca houve, no Brasil, cursos regulares de psicologia de sociologia, etc. Recentemente, foram mesmo eliminados de vários currículos. Quando veio ao Brasil, um especialista em vias urinárias ou sífilis, e recebido com festas, recepção de desembarque, banquetes, discursos na Academia, etc. Pois bem: um Kohler passou pelo Brasil, há anos, completamente ignorado; apenas meia dúzia de iniciados lhe prestaram alguma atenção em São Paulo. Eu mesmo presenciei, no ano passado, a passagem pelo Rio, do grande sociólogo Park e nenhuma notícia nos jornais, nenhuma comissão de festas, nenhuma homenagem, a não ser uma palestra que ele realizou para um grupo que o conhecia. Os exemplos podem se multiplicar.

5 — Totens estrangeiros — Sempre temos vivido, em nossa pobre vida cultural, das novidades "de fóra". Temos o culto da "última moda" em ciência ou literatura. Já discuti, por mais de uma vez, esta questão de se debater assunto de ciência em termos de moda ou novidade. É comum, nas polêmicas brasileiras, coisas como estas: "mas F. (um professor estrangeiro) não diz assim"; "isto não está mais em moda, já passou..." Eu tive um aluno de psicologia social, que me interrompeu frequentemente em aula, não para discutir calmamente qualquer ponto controverso, mas para exclamar: "mas, professor, isto não está no livro de F. de tal" (e exibia a página de grosso volume que sempre trazia consigo).

Nos círculos médicos, quem não fez uma "viagem à Europa" não merece consideração, nem dos colegas nem dos clientes. O cidadão vai a Paris, frequenta cabarets de Montmartre e, de retorno, anuncia convencido nos jornais, que "de volta de sua viagem de estudos, etc., etc..." Em menino, lembro-me na minha terra de um médico conhecido por suas viagens à Alemanha, e pela simpatia monoideia que votava à cultura saxonica, e que só anuncia assim: "Dr. med. Oskar de Karvalho, kom estudos na Europa" (podem acreditar, que é verdade; os meus contemporâneos não se lembram disto?).



Pedidos por reembolso postal para "Nordeste" rua Real da Tôrre, 701 — Recife. Exemplar: Cr\$ 30,00

Algumas opiniões sobre "Provincianas"

«E outras atividades poderiam ser lembradas, salientando a ação com que o sr. Aderval Jurema vem sendo um elemento impulsor e dinâmico, a destacar-se entre os escritores que vivem nesta província pernambucana.

A tudo isso vem acrescentar-se a contribuição de seus artigos de crítica, ajudando as nossas letras a tomar de si mesmas uma consciência cada vez mais clara e mais ilustrativa, função essencial em toda crítica digna desse nome. LUIZ DELGADO (JORNAL DO COMÉRCIO, 19-1-1950).

«Aderbal Jurema enfeixa, em «Provincianas», seus artigos de crítica, alguns dos quais são legítimos ensaios, cheios de penetração, revelando um autêntico exegeta do fenômeno literário da Província». NILO PEREIRA («Folha da Manhã», 5-1-1950).

«Surge, assim, o Provincianas, como uma mensagem de conagramento da família literária, sobretudo a nordestina, onde se faz sentir a força que a província poderia ter se todos agissem como o autor, convicto sempre das possibilidades palpitantes sob o nosso céu e sobre o nosso solo». SILVINO LOPES («Folha da Manhã», 7-2-1950).

«Depois da nota do sr. Luiz Delgado que também é um autêntico crítico e homem da província — ordinariamente tão econômico em louvores quanto parco em derramamentos — as Provincianas ficaram senão consagradas, pelo menos julgadas com muita autoridades. JORDÃO EMBRÉNCIANO («Diário de Pernambuco», 26-2-1950).

A crença na "última novidade" tem até desviado alguns espíritos aproveitáveis. Conhecido rapaz, que as rodas boêmias estão prejudicando, tem a mania de ser o divulgador de toda doutrina nova que aparece, no Brasil. "Fui eu quem divulgou, no Brasil, o método histórico-cultural!", "fui eu, etc." De outro jovem eu sei que queimou todos os livros de Lévy-Bruhl, porque leu uma porção de autores, histórico-culturalistas, que "meteram o pau" nas teorias do homem... O culto da "última novidade" é ainda uma sobrevivência pré-lógica: o que vem por último é o verdadeiro.

6 — "Indoctrination" — Muitos se-

«Através de Provincianas, Aderval Jurema não é o observador eruditíssimo, mas participante entusiasta, quasi lírico (CARLOS MOREIRA (JORNAL DO COMÉRCIO, 15-1-1950).

... É na crítica que Aderval Jurema melhor afirma as suas qualidades e a sua vocação. (MAURO MOTA — «Diário de Pernambuco», 22-1-1950).

«Aderval Jurema, neste último livro que acaba de publicar em placaete de belíssima edição artística, na qual se revela a influência da sua apurada sensibilidade estética, oferece-nos uma boa amostra da excelente vocação de crítico que nele se manifesta e que ele tem sabido aprimorar e completar com a ajuda da inteligência, da cultura e do temperamento emotivo de que é possuidora. WALDEMAR VALENTE (JORNAL DO COMÉRCIO, 26-1-1950).

«Não se improvisam críticos literários. É um mal ainda na nossa literatura, a coisa de encômeda. O sr. Jurema, porém, tem qualidades naturais que fazem dele um crítico autêntico, preciso e oportuno. CLODOMIR LEITE (JORNAL DO COMÉRCIO, 22-1-1950).

«O livro do sr. Aderval Jurema apresenta outro aspecto de grande interesse, para qualquer um que se sinta, por um ou outro motivo envolvido na vida intelectual dos povos centros — demonstra que é possível realizar, em qualquer parte, uma obra literária cheia de dignidade e do sentido universal que deve possuir toda obra de arte. LAURENÇO LIMA («Diário de Pernambuco», 26-1-1950).



tores de pensamento brasileiro, estão prejudicados pelo intenso trabalho de orientação interessada, no polo político-social ou religioso. Aliás é este o grande mal da época. Nós estamos assistindo, consternados, a uma verdadeira prostituição da ciência (e da inteligência, em geral), a serviço de determinadas ideologias político-sociais. O racismo alemão (a que agora se juntou o italiano) é um exemplo flagrante, desta utilização da ciência para fins políticos de dominação racial. Quando os sábios honestos vêm hoje provar que superioridade ou inferioridade são contingências culturais, os racistas cream o mito de uma superioridade baseada no conceito de raça e de sangue. O assunto tem sido muito debatido e não

há necessidade de nos determos nessa discussão.

O que quero destacar é que, no Brasil, houve ensaios da aplicação, entre nós, destas doutrinas (vide item anterior). Assistimos assombrados como já se ia delineando, no Brasil, uma falsa política anti-semita, com todas as consequências culturais desta monstruosidade científica e humana. Infelizmente, no plano puramente intelectual, perduram certos sintomas de — "Indoctrination".

Em certos círculos, e ensino científico é conduzido em união estreita com o dogma religioso, prejudicando a objetividade com que devem ser orientados os métodos de pesquisas científicas. E não se venha dizer que a igreja católica, por exemplo, ordena tal coisa. Mesmo nas universidades católicas, da Europa e da América, há uma rigorosa separação entre os métodos de pesquisa científica e o ensino religioso, dentro daquela velha fórmula do sábio católico Grasset quando dizia que o oratório e o laboratório não devem se interpenetrar.

Nas universidades norte-americanas, há mesmo cursos, divisões, departamentos de religião, em setores estanques dos demais cursos universitários. A Universidade da Califórnia do Sul mantém uma Escola de Religião, que confere o grau de "Master of Theology" (M. Th.). A Yale inclui uma "Divinity School", que confere o grau de "Bachelor of Divinity" (B. D.). Outras universidades conferem graus de "Doctor of Divinity" (D. D.) e mantêm cursos superiores de teologia. A Universidade de Chicago inclui um Departamento do Novo Testamento e de Literatura cristã. E assim por diante. Em nenhuma destas universidades existe, porém, a confluência do ensino religioso e do ensino científico. Em outras palavras: já não se discute ali o cerebrino conflito entre religião e ciência. São domínios separados. Não há, em suma, "indoctrination".

Não temos ainda no Brasil, universidades dignas deste nome. Possuímos algumas excelentes escolas superiores, que diplomam profissionais em medicina, direito, engenharia, belas-artes, educação... Mas não temos "espírito universitário", justamente porque nos falta aquele espírito de pesquisa, de objetividade, de imparcialidade de julgamento, etc., que um grupo de abnegados quis um dia introduzir no Brasil.

A nossa "soi-disant" cultura superior se ressente daqueles defeitos, que passa ligeiramente em revista. E de muitos outros que só um exame mais detido poderia elucidar. Há, além disso, outros fatos ligados à própria vida mental brasileira, no seu sentido geral. A existência de substratos afetivos, emocionais, na nossa vida coletiva. A influência do pensamento mágico que já analisou nas páginas do "O Negro Brasileiro". Não vamos responsabilizar por isto, este ou aquele grupo étnico que contribuiu à nossa formação. Estes defeitos são uma consequência de atração cultural ou de desajustamento socio-culturais advindos do trabalho da a cultura ainda não completo.

E' possível que muitos destes defeitos sejam aparentes. E' possível também que muitos deles se convertam em qualidades. Acredito, mesmo, que alguns processos de pensar, de origem negro-africana e ameríndia, dêem à civilização do Novo Mundo uma modalidade característica. Elementos primitivos, que incorporando-se ao pensamento aristotélico da cultura ocidental, assinalam uma nova modalidade de pensar. Um pensamento móvel, dinâmico, sem relação causais rígidas, às vezes extra-lógico e afetivo. O mundo está passando por uma revisão violenta de valores. Não sabemos se continuaremos a pensar à europeia, ou se nos encaminhamos para um processo "galileio" do pensamento. A reação já começou na arte e na vida quotidiana, popular. Manter-se-á a vida científica afastada destes processos? E' uma interrogação angustiosa. E esta discussão nos levaria muito longe dos propósitos deste artigo.

O que devemos assimilar é que os defeitos apontados da vida cultural brasileira, não são categorias irredutíveis. Eles definem mesmo a nossa "cultura", como entidade antropo-social. São defeitos históricos, deslocáveis, e mutáveis com as variações da própria "ethos" brasileira. Alguns deles podem e devem ser corrigidos. Outros são inertes à nossa vida mental, expressões características de uma civilização em inicio".



TEATRO



BALANÇO DE 1949

HERMILIO BORBA FILHO

O ano de mil novecentos e quarenta e nove foi, não há dúvida, o ano mais proveitoso para o teatro no Recife, cheio de bons espetáculos e de ótimas iniciativas, a maioria delas relacionadas aos amadores locais que agitaram o meio teatral da cidade tanto quanto se podia agitar.

Se disser que o nosso movimento foi muito mais eficiente do que o do capital do País não estou dizendo nenhum exagero. Os originais aqui encenados são de repertório de todas as companhias sérias de qualquer parte do mundo e o espírito artístico que presidiu as montagens foi sempre o mais honesto e o mais esclarecido, tendo-se em vista as opiniões dos críticos e dos intelectuais estranhos à terra que nos visitaram. Não direi outro exagero se afirmar que o teatro no Recife durante o ano que passou superou as outras atividades literárias — ficção, crítica, poesia — pela sua qualidade cultural. Grandes autores aqui foram apresentados, desde o clássico Sófocles ao moderno Thornton Wilder. Todas essas encenações provocaram uma onda de artigos, de conferências, de palestras, de discussões para maior vantagem do público, já agora um dos mais esclarecidos de todo o Brasil. Outro teatro foi inaugurado: o do Derby. Técnicos de fora aqui fizeram temporadas: Ziembinski e Eros Gonçalves. Recebemos uma visita ilustre a do Diretor do Serviço Nacional do Teatro. Dois cursos de teatro foram ministrados: o de Ziembinski e o meu. Mais outro teatro, este de feição popular, foi aberto aos espectadores: o de Emergência, dirigido pelo ator Barreto Júnior, construído graças à iniciativa de Ademar Costa Carvalho. Surgiu um Teatro de Revista: o de Mayerbeer Carvalho. Uma atriz de grandes qualidades aqui fez uma temporada: Henriette Morneau. A Secretaria de Educação sacudiu a poeira do seu Teatro Escolar, infelizmente não podendo avançar por falta de verba, ficando, porém, a pé, o seu Concurso de Peças. Melhores dias hão de surgir para o Teatro Escolar. O Estado e a Prefeitura subvenzionaram conjuntos locais. Uma onda de teatro atravessou o Recife durante todo mil novecentos e quarenta e nove.

Aqui vai uma resenha, rápida embora, do intenso movimento no ano passado:

1 — O Teatro do Estudante de Pernambuco pôs em ensaios a tragédia de Shakespeare, "Otelo", logo depois substituída por "Edipo-Rei", de Sófocles.

2 — Ausentou-se para o Rio de Janeiro, onde val continuou o curso de Direito, o pintor Aloisio Magalhães, cenógrafo do Teatro do Estudante de Pernambuco.

3 — Ocupa o Teatro Santa Isabel uma Companhia de Operetas dirigida pelo tenor Pedro Celestino.



Genivaldo Wanderley (Rubek) e Ana Canan (Irene), numa cena do 2.º ato da peça de Henrik Ibsen, "Quando despertamos de entre os mortos", apresentada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, sob a direção de Hermilo Borba Filho, com cenário e figurinos de Aloisio Magalhães

4 — Estréia no Rio a peça de José de Moraes Pinho "Filhos de santo", pelo Teatro Experimental do Negro. José de Moraes Pinho é um dos fortes elementos do Teatro do Estudante de Pernambuco.

5 — Barreto Júnior inicia a campanha pela construção do Teatro de Emergência Almara, contando desde logo com a ajuda financeira do capitalista Ademar Costa Carvalho.

6 — Genivaldo Wanderley recomeca a ensaiar o Teatro do SESI, incluindo no seu repertório "Heróis", de Bernard Shaw.

7 — Joel Pontes, diretor do Rádio-Teatro do Rádio Jornal do Commercio termina o primeiro ato de sua peça intitulada "A porteira".

8 — Elpidio Câmara reprisa, no Santa Isabel, a peça de Joracy Camargo "Deus lhe pague".

9 — O sr. Hermógenes Viana abandona a direção do Teatro dos Bancários.

10 — Joel Pontes e Norma de Andrade conviam este cronista para fundar um grupo profissional de caráter "sério", intitulado Teatro dos Três. Começam os ensaios de "Ana Cristie", de O'Neill, logo depois cancelada definitivamente por motivos superiores.

11 — Chega a atriz Henriette Morneau e começa a representar no Santa Isabel: Frenesi, Peacock Original. Uma rua chamada pecado. A governanta, Elizabeth de Inglaterra e O casaco encantado. Bom rendimento artístico e financeiro.

12 — Mesa redonda de teatro, no Rádio Jornal do Commercio, com o comparecimento de Morneau, Ziembinski, Valdemar de Oliveira, Elpidio Câmara, Milton Persivo, Eros Gonçalves, Flora Mackman, Isaac Gondim, este cronista e outras pessoas, sob a direção de Joel de Pontes, que presidiu as discussões.

13 — O Teatro do Estudante de Pernambuco toma a deliberação de cobrar entrada para os seus espetáculos e anuncia a sua próxima peça: "Edipo-Rei", de Sófocles.

14 — O Atlético Clube de Amadores lança a comédia de Aristóteles Soares, "A carta", na barraça de espetáculos do Teatro do Estudante de Pernambuco.

15 — Chega o ensalador polonês Ziembinski, contratado pelo Teatro de Amadores para dirigir a temporada de 1949 daquele conjunto.

16 — O jornalista Andrada Lima Filho, à frente do Serviço Social Contra o Mocambo, entrega a direção do Teatro Operário ao ator Elpidio Câmara.

17 — Iniciam-se na Diretoria de Documentação e Cultura as conferências preparatórias sobre "Edipo-Rei", de Sófocles, a cargo deste cronista, e Gastão de Holanda e do pintor Eros Gonçalves.

18 — Promove, na Diretoria de Documenta-



Cena da peça de Priestley, "A esquina perigosa", um dos maiores êxitos do Teatro de Amadores de Pernambuco durante a temporada de Ziembinski. Da esquerda para a direita: Ademar Oliveira, Bebê Salazar, Diná de Oliveira, José Maria Marques, Carminha Carvalho e Otávio da Rosa Borges

ção e Cultura, um rápido Curso de História do Teatro, completo em quatro conferências.

19 — Falece, fora do Estado, o ator Osvaldo Barreto, que iniciou a sua carreira teatral aqui no Recife, integrando o elenco do antigo "Grupo Gente Nossa".

20 — Gastão de Holanda e Ariano Suassuna anunciam o término das suas peças: "A casa de todos" e "Os homens de barro", respectivamente.

21 — O Teatro de Amadores de Pernambuco, desta vez sob a direção de Ziembinski, estréia a peça de Thornton Wilder, "Nossa cidade".

22 — A Câmara dos Deputados aprova o projeto do deputado Santa Cruz Valadairs subvencionando o Teatro do Estudante de Pernambuco com a importância de vinte mil cruzados.

23 — O Teatro do Estudante de Pernambuco lança a tragédia de Sófocles, "Edipo-Rei", no Teatro Santa Isabel, com cenário, máscaras e figurinos de Eros Gonçalves.

24 — Inaugura-se no Sindicato dos Empregados no Comércio a Exposição de fotografias sobre a vida e a obra de Shakespeare, cedidas pelo Conselho Britânico e sobre o patrocínio da Diretoria de Documentação e Cultura e do Teatro do Estudante de Pernambuco.

25 — O Teatro de Amadores de Pernambuco dá o seu segundo espetáculo do ano com a peça de Bernard Shaw, "Pais e filhos", ainda sob a direção de Ziembinski.

26 — A Secretaria de Educação e Cultura lança as bases de um Concurso de Peças para a formação do repertório do Teatro Escolar e a mesma, a convite de Silvio Rabelo, inicia um Curso de Teatro para as professoras que integram o Serviço.

27 — Ziembinski começa, na Faculdade de Direito, as aulas do seu Curso Prático e Teórico de Teatro.

28 — O Teatro dos Bancários, agora sob a direção de Alderico Costa, apresenta "A indejável", de Raimundo Magalhães Júnior.

29 — O Teatro Experimental do Recife, sob a direção de Isaac Gondim Filho, lança a peça de Mário Brasili, "Tempestade".

30 — O dramaturgo francês Albert Camus visita esta cidade e a convite do Adílio Cultural Francês nesta cidade, sr. Lucien Poncel, sanciona na Faculdade de Direito do Recife.

31 — O Teatro Universitário, dirigido por Ziembinski, reaparece com "Além do horizonte", de Eugene O'Neill.

32 — Regressa ao Recife o pintor Aloisio Magalhães, cenógrafo do Teatro do Estudante de Pernambuco.

33 — O Teatro do Estudante de Pernambuco funda a sua Editora, prometendo o lançamento do livro de versos de José Laurêncio de Melo, intitulado "Palhano".

34 — O Teatro de Amadores de Pernambuco na temporada Ziembinski, dá a sua terceira peça: "Esquina perigosa", de Priestley.

35 — Inaugura-se o Teatro de Emergência Almara, que obedece à direção do ator Barreto Júnior.

36 — Inaugura-se o Teatro do Derby, com a peça de Sheriff, "Fim de jorna", encenada pelo Teatro Universitário, sob a direção de Ziembinski.

37 — O Teatro do Estudante de Pernambuco lança a peça de Henrik Ibsen, "Quando despertarmos de entre os mortos", no Teatro do Derby.

38 — O Teatro de Amadores e o Teatro Universitário prestam uma homenagem a Ziembinski, que se despede de nossa cidade, com um espetáculo constante de três peças em 1 ato: "Macbeth", de Alvares de Azevedo; "Em viagem", de Henriette Charrasson; e "Capricho", de Musset.

39 — Regressa dos Estados Unidos o "conselheiro" do Teatro do Estudante de Pernambuco: Fernando da Rocha Cavalcanti.

Como se vê, grande foi o movimento teatral no Recife durante o ano passado e somente assim em forma de lembretes pode-se dizer tudo o quanto aconteceu.

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS LITERATURA — LIVROS ESCOLARES, TÉCNICOS E CIENTÍFICOS

Livraria da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DA IMPERATRIZ, 43 --- TELEFONE 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE

PERNAMBUCO

POEMA DE
MATHEOS DE LIMA

Le froid de la cime,
la Cime-du-froid,
le froid sur la cime,
la cime dans le froid.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

— BERCE TA SOEURETTE, NENA,
BERCE TA SOEURETTE, BERCE-LA.

C'EST MAUAN QUI TE COUCHA,
LE GRILLON DE LA CHAMBRETTE
BIEN DES FOIS SE REVEILLA,
LE LAMPION, AVEC LES MOUCHETTES
BIEN DES FOIS SE NETTOYA.

— BERCE TA SOEURETTE, NENA,
BERCE L'ENFANTELETTE, BERCE-LA.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

— JE REGARDE LA CIME,
TU TIRES LA NAVETTE,
GAGNANT DE L'ARGENT
DE TON RICHE SEIGNEUR!

— TU REGARDES LA CIME,
JE TIRE LA NAVETTE,
GAGNANT DE L'ARGENT
POUR MANGER MA GALETTE.

Le froid de la cime
la Cime-du-froid,
le froid sur la cime,
la cime dans le froid.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

LE POIGNET DE NENA,
A LA POIGNEE DU HAMAC,
LA POIGNEE DU HAMAC,
AU POIGNET DE NENA.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

LA POIGNEE DU HAMAC GRINÇAIT,
LE POIGNET DE NENA GÉMISSAIT.
UNE VOIX RAUQUE DISAIT:
— "BERCE L'ENFANTELETTE, NENA,
BERCE L'ENFANTELETTE, BERCE-LA".
BERCE L'ENFANTELETTE



Primavera — desenho de LADIANE

QUE JE M'EN VAIS PAR LÀ!

UNE VOIX FLUETTE DISAIT:
— "BERCE TA SOEURETTE, NENA,
BERCE TA SOEURETTE, BERCE-LA",
C'EST MAMAN QUI L'ORDONNA.

Le froid de la cime
la Cime-du-froid,
le froid sur la cime,
la cime dans le froid.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

LA LUMIERE DU JOUR
AUX YEUX DE NENA,
SEULETTE,
PAR TROIS FOIS DÉCLINA.

ET NENA QUI-BERCE
AUX YEUX DU JOUR, DE LA NUIT,
SEULETTE,
TROIS FOIS EVANOUIE TOMBA.

Le froid de la cime
la Cime-du-froid,
le froid sur la cime,
la cime dans le froid.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

TROIS JOURS ET TROIS NUITS
NENA S'ÉPUISA.
BERÇANT SA SOEURETTE
NENA SE CONSUMA.

LE GRILLON DE LA CHAMBRETTE
PAR TROIS FOIS SE TUA.
DU LAMPION, LA FLAMMETTE
PAR TROIS FOIS S'ACHEVA...

MAIS LE HAMAC, DANS LA CHAMBRETTE,
A CHANTER CONTINUÁ!

Proteja e assegure o futuro de seus filhos

Quaisquer que venham a ser as suas possibilidades de êxito no futuro, uma situação financeira sólida, ao abrigo de imprevistos, é sempre uma garantia de tranquilidade. Os pais previdentes, a par do esforço de cada dia para a educação dos seus filhinhos e de suas filhinhas, asseguram-lhes o futuro, a fim de que possam aproveitar em cheio os benefícios recebidos na mocidade. Há um meio para, sem sacrifícios, assegurar o futuro dos filhos: institua, em nome deles, um pequeno depósito popular na Caixa Econômica Federal de Pernambuco e vá aumentando esse depósito por meio de pequenas contribuições mensais.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE PERNAMBUCO

MATRIZ: — RECIFE

Agências: — Santo Antônio, Encruzilhada, Largo da Paz — Filiais: — Limoeiro, Nazaré, Caruarú.

Artes Plásticas

CONVERSA COM HÉLIO FEIJÓ

Reportagem de PERMINIO ASFORA

ANTIGAMENTE era fácil ter notícias da Sociedade de Arte Moderna. Bastava a gente subir duas escadinhas de um prédio novo da Rua da Imperatriz, meter a mão numa janelinha e arrastar o ferrolho. Pelo corredor do pavimento quase deserto, lá vinha o pintor Hélio Feijó, que nos levava a duas salas bastante desarrumadas, que constituíam, ao mesmo tempo, ateliê dele e a sede da Sociedade. Um grupo de rapazes e moças freqüentava as salas, discutindo sobre estética ou a propósito da próxima reunião, enquanto, às vezes, um jovem, concentrado no seu trabalho, dava os últimos retocos num quadro.

Agora depois de despejado, Hélio é um homem raro, a S. A. M. só se reúne quando arranja uma sala emprestada. Durante dois dias procurei-o para esta entrevista, indo encontrá-lo, fechando rápido a curva de uma esquina.

— Para onde vai essa velocidade?

— Para canto nenhum — respondeu com voz calma.

É impossível escrever uma reportagem sobre artes plásticas em Pernambuco sem tracar primeiro algumas passagens da vida de Hélio Feijó — tão ligado se acha ele ao movimento dos artistas plásticos do Recife nestes últimos quinze anos. Esse homem de 36 anos, que na vida comum é um sujeito sem rumo, sem ponto certo, sem emprego certo também, tem como artista um itinerário delineado ao qual inteiramente se entrega.

Como os demais pintores de projeção de Pernambuco, descendente da aristocracia canavieira. Mas, enquanto Cícerô Dias se apega hoje quase exclusivamente à cor (sobretudo ao verde-cana que é a sua maior glória) e Lula Cardoso Ayres, filho do ex-proprietário da poderosa Usina Cucá, mantém um ateliê profissional para encadernações de cartões, Hélio Feijó busca conteúdos cada vez mais populares, procurando ainda desenvolver uma sociedade capaz de melhorar as condições artísticas e materiais dos pintores de sua terra. Talvez

essa diferença tenha sua explicação no fato de que ele apena sobrinho do rico usineiro por quem foi criado...

ENCONTRO COM PORTINARI

AI por volta de 1930 o jovem Hélio decidiu-se pela pintura. E o tio Mendo Sampaió foi ao encontro do seu desejo. Deu-lhe como professor um acadêmico. O gênio do rapaz não combinou e logo mais largou o mestre, passando então a fazer desenhos para a revista de

tre do modernismo no Brasil. Hélio Feijó tomou conhecimento da nova obra de Portinari através de um amigo que queria lhe demonstrar a loucura do artista. Sentiu-se atraído de tal modo pelo pintor paulista que quando Portinari fez uma exposição juntando aqueles quatro quadros outros pintados aqui no Brasil, ele quase se mudava para o salão.

Passava o dia todo contemplando os quadros. Portinari se admirou que do meio de tanta incompreensão brotasse aquele rapazola franzino para admirá-

passo que quase sempre vinha tarde procedente de uma exposição ou de uma tertúlia entre artistas... Outra coisa que contraria o velho tio era seu amor pelo cinema. O coronel Mendo Sampaió gostava de teatro, principalmente das comedias de Procópio. Tudo isto Hélio rememora, salientando a bondade do tio, a simpatia que ainda hoje nutre por ele.

VOLTA AO RECIFE

Em 1934 volta para o Recife e trata de organizar um grupo de artistas que se interessasse pela educação artística do povo. Por influência de leituras sobre assuntos sociais desligou-se da família, do ambiente burguês em que havia se criado e passou a viver com um grupo de artistas que aceitaram como verdade e idéia revolucionária de uma arte mais moderna. Diz ele que trocou os lençóis de linho e a mesa farta do tio pelas dormidas incômodas (a macação era o travesso) e pelas refeições adiadas, vez por outra para o dia seguinte. O ateliê não dava nada. Quando dava alguma coisa faziam banquetes. O grupo se compunha de vários, mas a trinca indissolvel era composta de Hélio, Augusto Rodrigues e Percy Lau. Foi Percy quem apareceu com um novo tipo de vinho que embrangiava-se mais pelo título do que pelo álcool. O vinho chamava-se "Lieben Frat Milch". Mais ou menos isto. Os três que habitavam a mesma sala saíam a gritar pelo clíte da mulher amada. Dessas bebedeiras surgiam naturalmente romances e num deles se emaranhou Hélio Feijó pela mocidade inteira. Depois veio Estadão Novo, os amigos se foram. Hélio ficou tentando levar avante o programa de lutar pela arte moderna no Recife.

NAO GOSTA DE FAZER ENCOMENDA

Enquanto Hélio Feijó retira do fundo de uma pasta desorganizada alguns quadros vai me dizendo que nada do que fez merece ser publicado. O que lhe interessa é a vida da Sociedade de Arte Moderna. Pergunto-lhe porque não melhora sua condição financeira, e retratos feitos por ele: todos muito bons. Me responde que não faz encomenda.

Afirma-me que apesar de sua imensa admiração por Cândido Portinari, acha que ele não deve vir ter feito retratos. O ar de mistério que o pintor dá às mulheres da alta grafitegem serve apenas para abrir os cofres dos maridos. Não quer nem acusar Portinari, lembrando que o dinheiro que ele ganhava com tais retratos tinha uma digna aplicação: servia para ele custear a grande e tardia pintura que vem realizando. Isto explica — segundo acrescenta — que um Kim Vidor, um Orson Welles tenham feito muito filme ruim, mas também tenham realizado "Turbilhão da Metrópole", "Cidadão Kane" etc. E acrescenta:

— Não acredito na pintura de encomenda como uma arte capaz de entusiasmar o artista. Geralmente a produção é deturpada pelo desejo consciente ou inconsciente de agradar o dono da encomenda. Isto em relação a uma mural ou retrato que me propusesse a pintar. Um retrato é a prostituição da arte. Prefiro viver como arquiteto. É uma profissão que tem uma tabula de honorários.

SALÕES DE ARTE MODERNA



São Lucas — REINALDO FONSECA

Sociedade de Arte Moderna. A primeira vez que se expôs quatro quadros, formando um salão de arte moderna no Recife, foi em 1933.

A exposição tinha o nome de Salão Independente e foi organizada por Hélio Feijó, Augusto Rodrigues e Percy Lau. Ao lado desse grupo depois fariam parte Luís Soares, Nestor Silva, Carlos de Holanda. O segundo salão foi levado a efetuar três anos mais tarde e o terceiro em dezembro do ano passado.

Hélio Feijó fala com entusiasmo do próximo salão que se realizará em dezembro, no mesmo tempore que reativa o realizado em 48, quando foram expostas obras de Cícerô Dias, Vicente do Rego Monteiro, Joaquim do Rego Monteiro, Lula Cardoso Ayres, Luis Soares (póstuma), Nestor Silva (póstuma), e de Hélio Feijó. Apresentaram ainda trabalhos de Reynaldo Fonseca, Augusto Reynaldo, Di Navarro, Aloysio Magalhães, Ladajane e Tilde Canti. Esculturas de Abelardo da Hora e Waldemar das Chagas, dois artistas do povo de grandes méritos como escultores e pintores. Aliás, sobre Abelardo da

Hora dizem os entendidos que com sua arte nascem a escultura em Pernambuco. Nesse mesmo Salão de 48 apareceram trabalhos de arquitetura de Hélio Feijó, de Delson Lima, de Antônio Bezerra Baltar e Manoel Caetano. Fotografias de Delson Lima, Berzin e S. Ventura.

A Sociedade de Arte Moderna patrocina também o seguinte: Conferência de Hélio Feijó, apresentando sua descoberta do sistema de auto-ventilação, exposição de Abelardo da Hora, exposição de cerâmica popular com bonecos de barro de Vitalino e figuras de mameluco de Cheiroso, exvotos e santos de madeira; exposição de Augusto Reynaldo e Reynaldo Fonseca; exposição de pintura de Tilde Canti e do pintor cearense Barbosa Leite, atualmente nesta capital.

POLÍTICA E ARTE

Há poucos dias um jornal entrevistando Hélio Feijó perguntou-lhe sobre arte e política. Foi terminante em achar que uma coisa não deve se misturar com a outra. Mas sali-

(Continua na pag. 6)



Óleo de AUGUSTO REINALDO



Escultura de ABELARDO DA HORA

Agora Hélio Feijó fala da

(Continuação da Ia. pag.)

Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
Ô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!
Ô...
Quando me prendero
No canavial
Cada pé de cana
Era um ofício
Ô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Ô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Ô...
Vou depressa
Vou correndo
Vou na tóda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente..."

Do velho poeta norteriograndense Jorge Fernandes, cuja obra, pelo seu sentido revolucionário, guarda, ainda hoje, um frêmito de mocidade, embora em parte já superada pelas novas correntes da poesia, também se conhece um poema inspirado pelo apito ou rumor da locomotiva, dentro da noite. "Trem noturno" é o título:

"É bem um adeus gritando num açoite o apito do trem que corre nas trevas, através do silêncio da noite tranquila moendo nos trilhos o silêncio da noite.

Subindo uma rampa,
saudo novelos de vapores cintentos:
— Tivuco, vuco. Tivuco, vuco.
(Parece ter nervos no aflijo galgar !)

— Ué! Ué... Ué...
— Tivuco, vuco. Tivuco, vuco. Tivuco, vuco!
Adeuses de namorados. Adeuses de alguém acenando em cintentos vapores de trem".

Fora do folclore e da poesia, entretanto, quasi não há o que assinalar. A pequena humanidade que tem o seu destino ligado às paralelas de aço da Great-Western — maquinistas, cassacos, condutores, guarda-freios, telegrafistas, operários de oficinas, chefes de estação — com as suas angustias, os seus dramas miúdos, as suas frustrações, não encontram ainda quem a fixasse no romance, dando-lhe o relêvo devido. Nem mesmo o Sr. José Lins do Rêgo, de olhos tão sensíveis a outros aspectos da paisagem social do Nordeste e que, em *Pureza*, apenas utilizou a estrada de ferro, com a sua estaçãozinha perdida entre eucaliptos, como elemento de segundo ou terceiro plano na trama do romance; embora ele próprio reconhecesse que a história do chefe de estação Antônio Cavalcanti, filho de senhor de engenho arruinado no lassine, "dava um romance de fôlego, compacto, cheio de sôpro poético, como os ingleses sabem fazer. Um Thomas Hardy faria da vida do chefe da estação *Pureza* qualquer coisa de grande. A tragédia de uma raça com tóda a poesia da desolação." Nem o próprio Sr. Jorge de Lima, que, no seu *Calunga*, anotou curiosas impressões de viagem em trem da Great Western, registrando imagens e costumes com uma objetividade mais de reportagem que de romance. Nem, ainda, o Sr. Mário Sette, com uma obra de sentido tão sadicamente regionalista, e que fez de um trem de Caruarú o cenário para o começo do enredo de um dos seus romances mais característicos: "A filha de D. Sinhá".

Foi em território quase virgem que se aventurou o Sr. Estêvão Pinto, ao escrever a "História de uma estrada-de-ferro



A Baiana — PORTINARI (Coleção Van-Gago)

do Nordeste", agora divulgada na Coleção Documentos Brasileiros. Trata-se, realmente, de valioso trabalho de pesquisa, baseado sobretudo nos relatórios da empresa, e que reune subsídios para o estudo da formação e desenvolvimento do sistema ferroviário do Nordeste. É pena que o plano adotado, talvez excessivamente restrito, não alcance outras áreas de interesse, dentro de um critério sociológico mais exigente. Não teve o autor a preocupação de manter alerta o espírito do historiador social, embora lhe sobrassem credenciais para isto; dai os pecados de omisão — alguns bem graves — que o Sr. Gilberto Freyre já andou apontando no seu estudo, em parte explicáveis pela natureza da incumbência, a exigir o sacrifício de aspectos menos formais, apesar de mais sugestivos, do tema tratado.

Embora quase todos esses pecados de omisão hajam sido assimilados pelo autor de "Inglês no Brasil", com aquela admável acuidade e perspicácia na valorização dos fatos miúdos, ou só aparentemente insignificantes, muito ainda haveria que notar, à margem do estudo — nem por isso desinteressante ou menos significativo — do Sr. Estêvão Pinto.

É de lamentar, realmente, que não haja sido examinados como convinha os atritos entre o novo sistema de transporte, ou a mentalidade que, através dele, se ia implantando, e os remanescentes do nosso feudalismo rural, já desabancado do antigo poderio, mas ainda tão vaciado nos privilégios de sua formação patriarcal e escravocrata. A ação democratizante da estrada de ferro ter-se-á manifestado sob várias formas, à medida que o trem substituía a liteira, o carro de boi, o cavalo, como o meio de transporte comum, na região. Nem sempre, todavia, as linhas rígidas dos regulamentos haveriam de acomodar-se aos interesses, gostos ou exigências dos senhores de terra, de engenhos ou usinas, ciosos de sua liberdade de ação, pouco afetos a serem contrariados ou desobedecidos. Exemplo típico é o do usuário importante que, ainda no primeiro quartel do século, teimava em viajar nos carros empoeirados da Great Western como um grão-senhor, ocupando cadeiras e mais cadeiras com a sua vasta bagagem pessoal; outros passageiros — não importantes — que sofresssem o desconforto de viajar de pé. Aliás, não foram poucos os choques, ainda, quando a empresa, mais atenta à letra do regulamento, se dispôs a impedir o transporte gratuito das malas de viagem que ultrapassassem determinadas dimensões.

Outro fato a assinalar: a reação dos senhores de terra mais poderosos à exigência da empresa, no sentido de que as cérceas de suas propriedades — fazendas ou engenhos — se mantivessem a determinada distância da linha férrea. A ameaça de derrubada das cérceas, por algum empregado da velha companhia, capaz de levar até à imprudência a mística dos regulamentos, não faltou senhor de engenho mais desabusado pronto a retrucar que, uma vez concretizada a ameaça para bater as novas estacas no mesmo local — nem um centímetro para trás — seria utilizada cabeça de gente: cabeça loura, de inglês da Great Western, decorado; se não mesmo de brasileiro, funcionário importante da companhia, engenheiro talvez.

Desentendimentos entre a Great Wes-

tern e donos de terra registaram-se, também, em certos casos, por motivo do fornecimento de água para abastecer as locomotivas; água que — como lembra o Sr. Gilberto Freyre, citando o engenheiro Hasting Charles Dent — era muitas vezes cedida, generosamente, pela empresa, em benefício das populações, em certas localidades da margem da via férrea, sujeitas a sécas prolongadas. "Cenas semelhantes a essas" — admite o ilustre mestre — "devem ter se verificado com trens da Great Western, em suas paradas pelos sítios mais áridos do Nordeste". Verificaram-se, com efeito; inclusive em Pernambuco, onde até mesmo em São João de Garanhuns eram comuns espetáculos como o que viu Mr. Dent, perto de Carandai.

O espetáculo das tarifas ferroviárias — quase omitido no ensaio do Sr. Estêvão Pinto — apresenta aspectos marcantes do conflito entre a companhia e as classes rurais da região cortada pelos seus trilhos. Não sei se seria temerário identificar no mais sério movimento de resistência contra a elevação, julgada excessiva, dos fretes da empresa, sobretudo para o transporte de cana de açúcar, o ponto culminante do que talvez pudéssemos chamar o ciclo de arrogância dos senhores de terra: a greve contra a Great Western, em 1923. Nesse movimento, cujas proporções não foram as de uma simples greve, teremos assistido às últimas sobrevivências do espírito de rebeldia do senhor de engenho, caldeado nas lutas liberais do século precedente. Homens a quem o senso da ordem não poderia faltar, transformaram-se, de repente, em revolucionários desabusados, verdadeiros diabos soltos, com artes de Macabea: depredando estações, arrancando trilhos, cortando fios, jogando peças das agulhas da linha férrea nas águas do Una ou do Pirangi. A reação do Estado, em defesa de um patrimônio que era menos da Great Western do que daqueles mesmos que o sacrificavam, logo se traduziu em termos de desenfreada violência policial; e talvez se tenha apagado de vez, após aquêle último brilho efêmero, a chance de independência que iluminou, nos séculos XVI, XVII e XVIII, tantos setores de nossa organização social, dando aos senhores rurais prerrogativas de verdadeiras autoridades públicas, cujo prestígio e força muitas vezes se contrapunham aos do próprio Estado. Como nos lembra o Sr. Júlio Belo, nas suas "Memórias de um senhor de engenho", "polícia e justiça dentro de suas terras eram elas". Não, porém, na greve de 23; nem depois dela.

Mas, se alguns dos pecados de omisão do Sr. Estêvão Pinto parecem aproveitar à companhia britânica — tantas vezes mais combatida do que louvada pelos órgãos da opinião nordestina — como a falta de referências pormenorizadas à participação no desflorestamento das regiões cortadas pelos seus trilhos, não é menos certo que, em muitos casos, aquelas omissões prejudicam a compreensão do papel exercido pela Great Western, como fator de elevação cultural, sobre a vida do Nordeste.

Aliás, estudo mais detido da composição do funcionalismo da empresa, quanto às suas origens, em diferentes épocas, talvez nos fôsse indicar interessante fenômeno de mobilidade vertical. Curiosas modificações ter-se-ão verificado na procedência ou escala social dos elementos in-

tegrantes da classe ferroviária. Nos primeiros tempos, nela ingressou muito filho, sobrinho ou neto de senhor-de-engenho, levado a procurar emprego na estrada de ferro pelas seduções da atividade nova — ser maquinista terá sido o ideal de muito adolescente aventureiro, de olhos compridos para as locomotivas respeitáveis, que violentavam o seu pequeno mundo rural — ou sob a pressão da decadência econômica que runcou o destino de nossa antiga aristocracia feudal; filhos, sobrinhos ou netos de senhores-de-engenho que, crianças ainda, utilizavam como brinquedo os Morses das estações em pontos de parada erguidos nas propriedades de seus avós, tios ou pais.

Condutores de trens e chefes de estação — os últimos, principalmente — exerceram, em fins do século passado e primeiro decênio do atual, sensível influência no desenvolvimento das atividades sócio-culturais do interior. Muitos jornais de circulação semanal, com sonetos na primeira página, enquadrados em vinhetas de ramos e flores, tiveram-nos como fundadores, diretores ou redatores; de muitas bibliotecas foram eles os principais animadores — inclusive a do Clube Literário de Palmares, tão significativa na sua época, isto é, quando a cidade constituía um centro ferroviário de maior importância, e onde aperfeiçoaram sua cultura intelectual como Fenelon Ferreira, Fábio Silva, Fernando Griz e tantos mais, legítimas vocações literárias, desgarradas no interior. Outros foram apenas charlatães, perdidos no mundo das novíssimas e logografias do Almanaque das Senhoras, do Luso-Brasileiro ou do Bertrand, nas longas horas de espera do "pode", após o último trem ou o derradeiro telegrama. Alguns fizeram da atividade ferroviária o suporte econômico para a conquista de situações melhores, na literatura ou na sociedade; trabalhando e estudando, formaram-se em Direito, em Medicina, em Odontologia. Um exemplo: o Desembargador Augusto Galvão, que, de telegrafista e chefe de estação, chegou a presidente do Tribunal de Justiça, em Alagoas, membro da Academia de Letras, figura acatada entre seus pares, pela cultura e correção de atitudes.

Múltiplos e variados são os aspectos sob os quais pode ser estudada, ainda, a influência da Great Western sobre os costumes, os estilos de vida, a psicologia social da região, para não falar, apenas, no seu papel específico, ligado ao aperfeiçoamento da técnica dos transportes. Essa influência se manifesta em traços essenciais da sociedade nordestina.

Só a leitura diária dos jornais, remetidos na mala postal ou vendidos pelos gazeteiros, nos trens de passageiros, já constitui um fator relevante de modificação da conduta social das populações; e nem somente jornais passaram a ser adquiridos nos trens: livros também, alguns em fascículos, de circulação semanal. O telegrafo ou telefone da Great Western constituem, ainda hoje, utilíssimos instrumentos de comunicação — tanto mais úteis quanto exclusivos — em cidades, vilas e povoados, em número não pequeno, donde não chegaram, até agora, as linhas roncereiras do Telegrafo Nacional.

Lembra-nos o Sr. Gilberto Freyre que por influência inglesa se desenvolveu, no Brasil, o gosto "pelo drink gelado (que em portos secundários, como Maceió, os requintados da terra, por largos anos, iam beber a bordo dos navios ingleses)". Pode-se acrescentar que para o hábito, hoje tão generalizado, da bebida gelada — da cerveja gelada, sobretudo — muito contribuiu o carro-restaurante, atrelado aos trens da Great Western. Nem só durante as viagens; mesmo nas permanências mais longas nas estações — nos pontos de cruzamento, por exemplo — sempre houve quem transformasse aquele carro numa espécie de bar ambulante, onde era possível encontrar gelo para a cerveja, como os requintados de Maceió nos "liners" da Mala Real.

Do carro-restaurante da Great Western, principalmente — ou seja, mais do que de seus carros comuns — ainda outra função haveria que anotar: o de fator de convivência social. Com efeito. Quando o automóvel ainda era uma aspiração remota, foi ele o ponto de encontro obrigatório de senhores-de-engenho e plantadores de cana, nas viagens periódicas — em muitos casos realizadas semanalmente — à capital do Estado. Nem somente de senhores-de-engenho e plantadores de ca-

A AGRICULTURA EM PERNAMBUCO

(Entrevista com o snr. Arthur Ruy de Carvalho)



Tomando posse no inicio do corrente ano do cargo de Secretário de Agricultura Indústria e Comércio de Pernambuco, o snr. Artur Ruy de Carvalho, com a visão administrativa que lhe é peculiar logo percebeu os inúmeros problemas que lhe ofereciam a situação agrícola do Estado. Sem olhar conveniências de partidos políticos, a Secretaria de Agricultura, dentro de suas possibilidades tem procurado atender as questões agropecuárias que se apresentam com mais relévo.

Procurando nossa reportagem informações sobre alguma mudança havida no pessoal administrativo, nos disse sua excia. que continuava com o mesmo pessoal, pois os técnicos encontrados na SAIC todos têm se revelado dignos das funções, havendo, entretanto, o afastamento de servidores mensalistas e diaristas pagos por verbas imprecisas.

Disse confiar em todos os seus auxiliares, para mais realçar o que vem se fazendo em benefício da agricultura e pecuária do Estado.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DO ESTADO

Entre os seus vários planos de ação estão as Estações Experimentais, com a finalidade da produção de sementes, enxertos e mudas, para suprimento dos agricultores das diversas regiões agrícolas do Estado.

A Estação do litoral, será situada na Praia do

Jango, a 12 quilômetros de Olinda e 18 da cidade de Paulista, tendo uma área de 300 hectares.

Terá como finalidade não somente a produção de coqueiros, como a seleção e aproveitamento de dendê, além de árvores frutíferas, tais como mangueiras, abacateiros, manjabaíras, tepeiroia, sapotiseiros, etc. As sementes, mudas e enxertos ai produzidos serão selecionados e destinam-se a formação de culturas dos agricultores da região.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE SERRA TALHADA

Este estabelecimento, que vem funcionando desde 1932, irá ficar aperfeiçoado para a maior produção de sementes de algodão muco do Estado. Além dessa cultura irá merecer nossa atenção a cultura de milho Litrido, o feijão, a mamona e a fruticultura adaptável a região sertaneja, como seja o umbuzeiro, pinheiros, figueiras, etc.

Têm esta Estação uma área de 3.500 hectares, nela estando localizado o grande açude do Saco. Esta área nos permitirá um ensaio de colonização, uma criação de gado selecionado para a venda de reprodutores por preços, os mais baixos possíveis.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ARARIPE

A Serra do Araripe que até o presente, pouco tem influído na economia agrícola de Pernambuco, irá ter sua Estação Experimental, situada numa área de 500 hectares, que foi cedida ao SAIC, pela Prefeitura de Araripe.

Nesse Estação serão feitas culturas racionais

de mandioca, feijão, maçã, abacaxi, amendoim, etc. Será aparelhado de máquinas para trabalhos em cooperação com todos os agricultores da zona.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE JATINA

Cogita ainda a Secreta-

era em Caruarú, para essa capital.

POSTOS E ESTAÇÕES DE MONTA

Existindo no Estado Postos de Monta, os quais por motivos vários, não vinham preenchendo suas finalidades, serão supridos, e, outras e as Es-

SERVIÇO DE INSEMINAÇÃO

No Parque de Produção Animal, com técnico especializado, está funcionando esse serviço, de geral proveito para nossa pecuária.

Este serviço será feito em regime de "acordo" entre o Ministério de Agricultura e a Secretaria. Esta com 3 reprodutores de raça Holandesa e 2 equídeos mangalarga, recentemente importados.

INSTALAÇÃO DA DIRETORIA DA PRODUÇÃO VEGETAL

Dada a importância desse departamento, resolreu a Secretaria de Agricultura instalá-lo convenientemente no local da antiga Granja de Dois Irmãos, providenciando para que os serviços que ali funcionavam fossem localizados em pontos de maior interesse para os agricultores e criadores do Estado.

A Diretoria da Produção Vegetal na sua nova localização tem ainda a finalidade de servir as Escolas de Agricultura e Veterinária, com elementos didáticos para 5 cadeiras, o que a citada Granja, só poderia proporcionar para uma.

SERVIÇO DE FOMENTO DA PRODUÇÃO

Para este serviço, que se destina a venda de máquinas e ferramentas



O secretário da Agricultura despachando em seu gabinete de trabalho

ria de Agricultura de ampliar os trabalhos dessa Estação que é localizada na ilha do Estreito, no Rio São Francisco. Será um grande centro funcional, adaptado a região do sanfranciscana, além de outras culturas. Estão também no programa da SAIC, para o mesmo fim, o aproveitamento de terras no continente, o que permitirá a produção de mudas e enxertos selecionados, para umas e outras terras que presisamente muito diferem.

RODAS DÁGUA

Pretende ainda a S.A.I.C. auxiliar os agricultores marginais do São Francisco na construção de rodas dágua, fator importante para irrigação das terras ribeirinhas, inteiramente produtivas sem essa provisão. Será assim grandemente aumentada a produção de arroz, banana, cana e diversas outras culturas.

DESENVOLVIMENTO DE NOVAS CULTURAS

A atenção da Secretaria está também voltada para o incremento de culturas outras, como a agave, cacau e carnaúba, e fulmiqueiros adormecidos do Estado, que têm economia sustentada quase exclusivamente pela cana de açúcar.

SERVIÇO DE AÇU-DAGEM

Com o fim de melhor atender a todos os inter-

essados, foi deslocada a sede desse Serviço que tações e Fazendas serão aproveitados com animais e material necessário para melhor funcionamento. Com isso, visa a Secretaria a descentralização de muitos serviços cuja eficiência se acentuará com funcionamento em diversos municípios.

especiais, foi tomada a providência de fazer depósitos dessas naturezas nas diversas Prefeituras, mediante acordo, para revender pelo custo de enxadas, cultivadores, arados, pás, machados etc. verificando-se logo de início um aumento extraordinário das vendas. Esse material tem para o agricultor, uma diferença mais ou menos de 20 a 50%, do preço geral do comércio.

Como prova da eficiência dessa medida, cito o caso da 1.ª zona sediada em Limoeiro, que durante o ano passado apenas revendeu 841 cruzeiros de material agrícola e este ano, no mês de fevereiro, as vendas atingiram cerca de 30 mil cruzeiros.



CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDIMOBIL"

TELÉFONE, 9401, — CAIXA POSTAL, 649
AVENIDA RIO BRANCO, 23 — Recife - Pernambuco

*

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

*

Paga as melhores taxas de juros a seus depositantes

C/C. de Movimento (retiradas livres) 4% a. a.
C/C. Populares (limite de Cr\$ 30.000,00, com cheques) 6% a. a.

C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 20, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta) 6% a. a.

*

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

De 6 meses 6½% a. a.
De 12 meses 7% a. a.



Um acontecimento auspicioso para a vida social e econômica da capital pernambucana e que constitue mais uma magnífica realização do governo do senhor Barbosa Lima Sobrinho, em seu segundo aniversário

Fato de excepcional relevância para a vida comercial do Recife foi, sem dúvida, a entrada em fevereiro, no porto do Recife do paquete inglês "Alcantara", pertencente à "Royal Mail Lines", que procedeu de Southampton e escalas, atracando no armazém n.º 3 das Docas.

Depois da última grande guerra, foi o "Alcantara" o primeiro transatlântico da "Royal Mail Lines" a fazer escala no Recife. A acostagem do possante transatlântico de 23 mil tonelagens foi feita com perfeição, ordem e brevidade, não se verificando a menor anormalidade nas operações.

O fato, como já dissemos, é daqueles que oferecem margem a comentários, pelo que de relevante ele representa na atual fase que atravessa o pôrto do Recife. Fase de prosperidade e que reflete sem dúvida a ação esclarecida e denodada do sr. Hélio Coutinho, diretor do Departamento Comercial do Pôrto do Recife e que ali vem realizando uma administração somente digna de estímulo e de aplausos.

ESFORÇO TREMENDO

Não fôra o esforço tremendo desenvolvido pelo governo do Estado, à frente do sr. Barbosa Lima Sobrinho e por intermédio do diretor-comercial das

Docas, sr. Hélio Coutinho, no sentido de efetuar os serviços de dragagem do pôrto do Recife, num total que se aproxima da casa de 1 milhão de metros cúbicos, não seria possível recebermos transatlânticos de grande calado, como este que ora escalou em nossa capital.

O "Alcantara" trouxe para o Recife 35 passageiros, levando em trânsito 751. A sua capacidade é para o transporte de 221 passageiros em primeira classe, 185 em segunda e 470 em terceira classe.

Com as características do Século XVIII, a Biblioteca é uma outra dependência de aspecto ultraenxuto e convidativo, com uma rodeada por colunas de balhada, tendo ao centro um grande "Raio Solar" sobre o qual está colocado atraente dispositivo dourado para luz elétrica, estando este Salão provido de sofás e poltronas confortáveis, bem como escrivaninhas e estantes de livros.

te dessa parte do convés é está guarnecido de estantes e escrivaninhas estilizadas. A lareira é de tijolos de cor preta e vermelha, tendo em cima um espelho rodeado de vinte e cinco desenhos feitos a mão sobre motivos de literatura. Os móveis estufados são de cores vermelha, verde e crème, sendo as cortinas de veludo grosso de cor verde escuro, garnecidas de bordados prateados, sendo os assolhos cobertos por tapeçarias especialmente fabricadas.

Entre outros atrativos existentes na primeira classe encontramos uma soberba piscina circundada de pavimentação de mármore e uma galeria para espectadores, bem como vestiários e chuveiros. Uma bem sortida loja para a qual dá acesso uma ampla galeria, um salão de ginástico completamente equipado, e também Salões de Cabelo e Barbeiro, para senhoras e cavalheiros, aparelhados com tudo o que há de mais moderno.

Entre outros atrativos existentes na primeira classe encontramos uma soberba piscina circundada de pavimentação de mármore e uma galeria para espectadores, bem como vestiários e chuveiros. Uma bem sortida loja para a qual dá acesso uma ampla galeria, um salão de ginástico completamente equipado, e também Salões de Cabelo e Barbeiro, para senhoras e cavalheiros, aparelhados com tudo o que há de mais moderno.

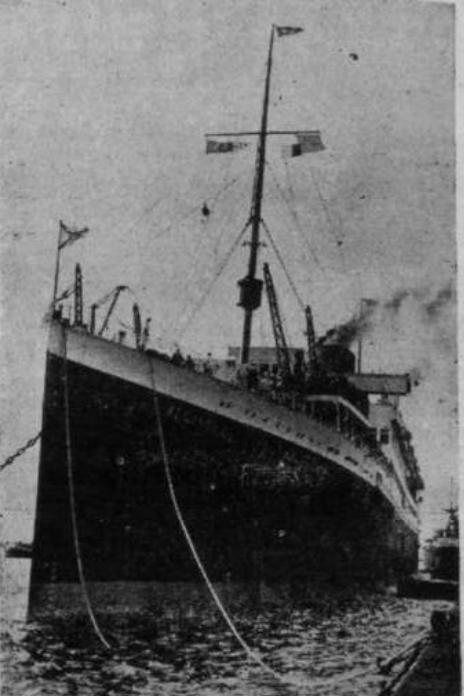
ATIVIDADE PESSOAL

Pelo que se vê, não fôra a atividade tóda pessoal que o sr. Hélio Coutinho vem desenvolvendo à frente do Departamento Comercial das Docas, não nos seria possível atracar em nosso pôrto um transatlântico da envergadura do "Alcantara", cuja visão panorâmica que oferecemos acima serve para se aquilar do mundo de conforto e comodidade que oferece aos que nela viajam, imprimindo por assim dizer novos rumos à navegação marítima no mundo.

JARDIM DE INVERNO

O Jardim de Inverno, situado na parte traseira do Convés dos Botes, produz uma impressão de colorido e alegria. A parte do alto desta dependência é tóda envirada, a fim de permitir a entrada de luz, é cúpula metálica bem traçada de Siena. As decorações em colorido branco, marfim e dourado são de estilo de arquitetura Es-

panhola Plateresco. Janelas que dão para o convés estão colocadas nas três faces desta dependência, flanqueadas por pilares de mármore, ao passo que a iluminação principal é produzida por meio de quatro grandes lanternas de bronze.



No cliché, acima, vemos o "Alcantara", já ancorado no cais do armazém 3 das Docas, esperando as pranchas, a fim de desembarcar os passageiros.

FALA O CAPITÃO BANNISTER

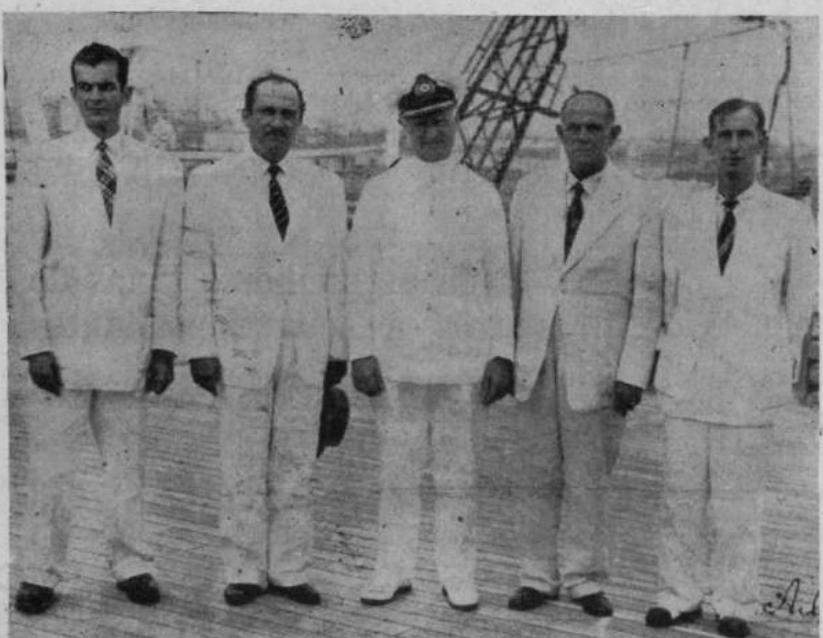
O capitão Bannister subiu até o "deck" do paquete, em companhia do sr. Hélio Coutinho e outros visitantes, contemplando dali a cidade do Recife e Olinda. Recordou, então, a sua primeira viagem ao Recife, em 1913, a bordo do "Arguria", que ficou no lamarão. Em 1922, já como segundo oficial do paquete "Andes", aqui esteve novamente entrando pelo primeiro vez no ancoradouro interno do pôrto do Recife.

O "Alcantara" zarpou com destino ao Rio Montevideu e Buenos Aires precisamente às 10 horas da manhã de ontem. A linha continuará doravante sendo mantida, regularmente.

Fomos informados de que o sr. John Thom, cônsul da Suécia e representante da "Delta Line" já se comunicou com a referida companhia, intencionando-a de que os grandes paquetes norteamericanos já podem atracar no pôrto do Recife, esperando por isso que novas linhas sejam inauguradas com brevidade.

O "Alcantara" foi manobrado pelo pratico Albino Galvão, que há muitos anos trabalha para a "Royal Mail Line".

Está de parabéns, pois, o governo do Estado e, particularmente, o Departamento Comercial do Pôrto do Recife, à cuja frente se encontra o sr. Hélio Coutinho. Graças aos seus esforços, o Recife poderá receber em seu pôrto transatlânticos do porte do "Alcantara".



Na chegada do "Alcantara": o dr. George Eric Gates, engenheiro eletrônico do pôrto do Recife; o dr. José Caminha Sampaio, engenheiro da dragagem do pôrto; o capitão G. A. Bannister, comandante do "Alcantara"; o sr. Hélio Coutinho, Diretor Comercial das Docas e o representante de NORDESTE

ATRAVÉS DOS SUPLEMENTOS

Djalma Viana

(De "Letras e Artes", do Rio)

NAO conheço Recife mas vendo a homenagem dos seus melhores intelectuais a Marcel Proust, já não posso evitar confundir — sem excluir mesmo alguns barões de Charlus — a cidade do Capibaribe, essa com a província da Normandie, mas com o próprio território de Combray. Tanto faz que estujiemos em Pernambuco ou em Combray, diz Aderval Jurema no instante mais grave e menos dialético, precisamente no momento em que entrega as portas da cidade ao autor da *"A la Recherche du Temps perdu"*. Se o analista homeopático de Albertine chega a penetrar na base do Apipucos, se vai até Boa Viagem beber a água de um cóco ou se o pôrto não sai com o seu eterno olhar melancólico e sua flor à lapela, não sei. O que sei, agora, em face desse admirável testemunho é este quinto número de «Nordeste», o que sei, repito, é que Marcel Proust, mal talvez que em outras zonas geográficas e literárias, topa com Recife como se a capital nordestina fosse, em carne e carúco, o centro mesmo da religião proustiana. O recuperador escandinavo do tempo, em Recife, outra coisa não se pode sentir senão o grande Papa. Todos conhecem bem a sua excavação intelectual, todos são íntimos das suas personagens e sobretudo todos distinguem com rigor a estrutura literária da sua obra de que um geógrafo convencionista chamaria o solo filosófico.

Para mim, porém, que me habituei desde a estreia infantil a situar a criação artística acima das fronteiras gênero-políticas, surpreza não foi o número de «Nordeste». Surpreza será talvez para alguém como o sr. Viana Moog que, encadernado em fórmula, não compreenderá por certo como poude, fora de um parapetado, baixar Proust no Recife. Os cabeças chatas do recôncavo pernambucano, que já queimaram certamente o resto do sangue holândes, na crítica sociológica do turista gaúcho, deviam escorar com os braços as rodas das usinas, os sacos de açúcar, os mecanismos na orla marítima, tudo — menos, sem a menor dúvida um mundo tão europeu e tão teu como o mundo proustiano. O dia, entretanto, era que o fisionomista do estômago refinado, quasi uma máquina registradora pela segurança do registo, com todas as virtudes e todos os vícios de uma formação profundamente europeia, autêntico homem de laboratório, organizado e minucioso, tocava a inteligência da gente do Recife como já tocava antes, em todas as curvas, a melhor inteligência do mundo.

É verdade que, meses antes de pôr os pés no café Lafaiete, já a mais nova geração de intelectuais brasileiros, sempre curiosa e interessada em rasgar o ventre do nosso superfície humano literário, homenageava em charola o mestre admirável que, com Swann, por exemplo, transfigurava radicalmente a tática de construção da personagem no romance moderno. Lembramo-nos, a propósito, daquele número da *"Revista Branca"* que Saldanha Codinho agora pretende completar com a publicação de uma *"proustiana"*, sob a responsabilidade da mesma revista. Lembramo-nos dos artigos de crítica, dos pequenos estudos criteriosos, do esforço honesto em interpretar os volteios do romancista, sobretudo da preocupação em incorporar Marcel Proust, como um mestre permanente, em sua ação artística de todos os dias.

A recepção no Recife, pois, já aparece como uma confirmação da receptividade que Proust encontrou e ainda encontra na inteligência deste país. Alegaria os exegetas, principalmente os mais eruditos e mais enfatizados, não passar tudo isso de simples consequência da universalidade que enche, com o próprio papel, obra inteira de Marcel Proust. Afirmaria, com os lábios em sussurros, tão convencidos de que dizem como os brotinhos em suas primeiras juntas de amor, que, afinal, vítimas também do tempo e também possuidoras da memória de Offner, teríamos nós fatalmente que aceitar o mundo ceitando o sol durante o dia e a Light durante a noite. Mas, apesar de semelhante balística, sobre o que não trazem dúvidas é ter Marcel Proust atingido a comunhão do Recife, menos em função da sua humanidade, e mais em decorrência da sua fidelidade à província. A recuperação do emundo provinciano — a que se refere um dos colaboradores de «Nordeste», o arguto Luiz Santa Cruz —, a volta no hojo do tempo vencido a Combray, tanto pode ser Combray quanto Caruarú, explica definitivamente este pergaminho que confere a Marcel Proust o título de cidadão do Recife.

E não seria por outra coisa que o malo proustiano de todos os nossos proustianos, Otacilio Alencar, sua devocão a Proust já o tendo posto na presidência de um clube brasileiro que reza o mestre nos dias impares, faria do seu tema o guia mesmo da província de Combray. E ainda é Combray — a província, mais que a província que apenas a cidadezinha da província — o assunto que Eustáquio Dutra, outro colaborador de «Nordeste», iria desmentir com o auxílio de Larcher. De resto, nas vinte páginas da esplêndida revista do Recife, com exceção talvez da crônica de Evaldo Coutinho, outra colaboração não se apanha que não move a tecla invariável:

— A província, sempre a província!

Rigorosamente, em nível crítico ou em um plano menos discreto do pesquisista, as velas que se podiam picar seriam inúmeras. Em si mesma, «A la Recherche du Temps perdu», o ciclo entre visto como um bloco massivo e estruturalmente arquitetônico, o que menos podia atrair os olhos, seria o lastro geográfico. Farto e complexo, sem a menor dúvida, o material exposto para um trabalho enorme de exegese, de sondagem, de penetração, de descoberta, de comparação, do diabo. Romantista, e no seu romance ao mesmo tempo filosófico e psicológico, Proust não oferecia tão somente uma fisionomia — mas todas as faces que possam constituir um arriscado trapézio artístico ai se integravam como a carne na própria carne. No entanto, fazendo questão fechada de caracterizar em Proust a sua natureza de provinciano que não temeu esfuziar o tempo para reencontrar a província, os do Recife deixaram bem claro que, se Proust chegou a Recife a Recife é chegado por afinidade. Recife, como se vê, se converte em Combray, assim como Lilius se converteu em Combray. A conjura, que é outra coisa o número de «Nordeste» não representa senão uma conjura entre os pernambucanos e Proust, portanto, é uma conjura visível de homens que se agarram à província como suas próprias árvorens e suas próprias pedras.

Não escapam sequer os trens. Embora o poeta Odorico Tavares ou o poeta Ascenso Ferreira não possam sentar Brichot em um va-

H. M. S. LENINE PINTO



Ilustração de DI NAVARRO

(A Bartolomeu Santos que é quasi um Real Comodoro)

Bravo marujo da armada de sua Magestade o Rei, bebado pelas docas de Liverpool, entoando cantos sob os letreros luminosos, o neon verde adocicando-lhe a voz; triste, muito triste I am Sinbad the sailor, urra!

Mergulhar no mar em busca da ôstra branca perdida numa concha, god save the life of the King: up — não adiantava. Connie quer mais whisky and rum dear, só mais um traguinho, ó lá lá... e ser rebeldes amotinado porque no mês passado lhe descontaram alguns shellings virgula algumas libras mentiroso, e deram em paga inúteis war bond's, ó! esquezas caras e estranhas garrafas que dançam nuas para os lordes o que queria mais era danar-me no Alaska e morrer de frio em busca do ouro que Carlitos perdeu, como bravo marujo HMS no gorro, cheio de medalhas o peito e ter de contar aos indigenas ou à meninos vermelhos toda a história dos ceremoniais da tradição; melhor que ter neurosis de guerra, up, um bravo covarde: ay ay Sir.

Up que gente Deus! e o cachimbo babado de cuspo, o suor gotejando das narinas e que testa fria rooney, a do seven seas wolf de calça mescala lavando o tombadillo do formidável couraçado Hood posto a pique desde há muito, up uf calor danado. Estar agora, o sonho, no Rio de Janeiro, praça Mauá, cantando samba mal cantado com seu sotaque britânico — por delicadeza, e se acabar de uma vez por todas nos braços balofos de uma ridícula mulata gorda, chili dear, ó dear, que não peor seria receber cartas de Kathe em perdida ilha do Sul, o Pacífico, alguma sardenta, pensando em succulentos bifes de sangue com molho pardo no Joe's da fifth avenue, óba!

Lançar-se, — como são lindos os nervosos reflexos na água —; num pouco de Yang Cze Kiang andado, bramindo enorme faço herança ainda dos Mings-Fo, no peito tatuado o retrato de Aunabel loura menina de trancinhas e olhos claros por detrás dos óculos, e que liricas mãos brancas que no peito não estavam: a Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever, isso não. Viva Nelson de Trafalgar que como eu não era, pobre garoto de um condado qualquer, sentado nos batentes com os joelhos sujos de sujeira, upá, somos do mar cristão e servos da princesa linda, Elizabeth, ai!

— Whisky and rum, meu amor, quero só mais um traguinho, dear".



gão da Great Western, pouco de Joaquim Cardoso — também é homenageando Proust em «Nordeste» e no nordeste — não esquecer os trens da província proustiana. Os trens do Balice, para o lúcido articulista, sugerem o trem da serraria.

Fluente e espontânea a tradução da página de Proust para a realidade pernambucana. O número de «Nordeste», aliás, é logo na primeira página, já definido o roteiro:
— Em busca da província perdida!

PROXIMAS EDIÇÕES DE "NORDESTE"

"CANTO DA HORA UNDÉCIMA", de CEZÁRIO DE MELO

No mês de abril será lançado nas livrarias do Recife o livro de poemas de Cezário de Melo, com ilustrações e capa de Ladjane, numa edição "Nordeste". Em seguida teremos o livro de contos "Cachaca", de Francisco Julião, com um prefácio de Gilberto Freyre, também numa magnifica edição "Nordeste":
— Pedidos a "Nordeste", rua Real da Torre, 701 — Recife.

AMIGO, POUPE

Elétricidade



...e economize seu dinheiro apagando as luzes e desligando os aparelhos elétricos que não estiverem em uso.
Grato pe'a colaboração.

"Seu Kilowatt"



ERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER CO. LTD.

Fone 2141 - Recife



Sertanejo dormindo — BARBOZA LEITE

A inauguração do Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito

"SE EU TIVESSE DE COMEÇAR A VIDA FA-LO-IA COMO OPERÁRIO DESTA FÁBRICA"

Assim declarou o comandante do 3º Distrito Naval — Exemplo frisante do espírito de compreensão dos irmãos Brito — Disse o comandante da 7a. Região Militar: "O industrial Manuel de Brito, por ser um general da indústria pernambucana, não desculpa do amparo e da assistência aos soldados sob seu comando". — Os oradores — Depois — dos operários — "Agora temos um lugar decente para comer" — declarou Quitéria Portela — Outros impressionados — Notas.

Mais uma iniciativa visando ampliar a assistência social aos seus operários foi concretizada, ontem, pelas "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S. A." (Fábricas Peixe), nas suas instalações da rua Imperial, quando se deu por inaugurado o Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito. Tendo a seu crédito, já, uma considerável soma de empreendimentos dessa natureza, aquela importante organização pernambucana continua a realizar obras desse gênero, sempre no objetivo de amparar cada vez mais o elemento humano que contribui para o seu desenvolvimento sempre crescente.

Esse gesto se traduz como um exemplo frisante do espírito de compreensão dos irmãos Brito que, ao levarem a efeito essas realizações, não o fazem com o caráter de favor ou mesmo concessão aos seus operários. Antes, altruisticamente, agem desse modo porque sabem que o material humano por eles empregado está à altura dessas iniciativas. Esse ponto é constantemente salientado pela família Cavalcanti Brito, cuja tradição não deixa margem a contestá-lo.

Por isso, não constitui surpresa para a reportagem desta fôr-



O industrial Manuel de Brito, sua esposa, srna. Mary Guimarães de Brito, brigadeiro Alvaro Hecksher, comandante da 2a. Zona Aérea, e o general Brasiliano Americano Freire, comandante da 7a. Região Militar

A hora aprazada, os presentes encaminharam-se para o pavimento superior do edifício, à fronteira, onde se acha localizado o refeitório. Nesse momen-

tosos aplausos. Aqui, vemos reunidos todos os grandes fatores: o a inauguração do refeitório Carlos Cavalcanti de Brito, a mola de S. A. P. S.

FALAM OS CHEFES MILITARES

Próximo, achava-se o general Brasiliano Americano Freire, comandante da 7a. Região Militar, que nos prestou as seguintes declarações:

— "A impressão ressaltada em primeiro lugar é o espírito progressista do industrial Manuel de Brito que, por ser um general da indústria pernambucana, não desculpa do amparo e da assistência aos soldados sob seu comando, os quais produzem a riqueza de Pernambuco".

Por seu turno, o almirante Paulo Penido, comandante do 3º Distrito Naval, assim se extenuou:

— "Se eu tivesse de recomendar a vida, falo-la como operário desta fábrica do sr. Manuel de Brito. Acho que dizendo isso já me fiz compreender completamente".

Também o brigadeiro do ar Alvaro Hecksher, comandante da 2a. Zona Aérea, acentuou as suas impressões, com "humor":

— "O refeitório Carlos Cavalcanti de Brito corresponde ao que eu, pessoalmente, esperava. Aqui até me faz lembrar aquele anúncio: 'Todo mundo gosta da Golabada Peixe... Todo mundo que vier a esse restaurante gostará das refeições e ainda terá, como sobremesa, a Golabada Peixe'.

— "Manuel de Brito, como um pioneiro das grandes iniciativas

to, a srna. Mary Guimarães de Brito, esposa do sr. Manuel de Brito, cortou a fita simbólica, dando por inaugurada a nova dependência.

— "Estamos deante de uma magnífica obra, meritória por todos os títulos. Aqui o mais cético dos homens ficaria entusiasmado, como eu me sinto. Aliás, para seu governo, eu não sou cético".

O sr. Berardo Melo, do "Banco Nacional do Norte", ao ser solicitado para dar suas impressões ao repórter, disse:

— "Trata-se de uma iniciativa nobre, digna dos mais ca-

Marcado para 11 horas e 30 minutos, a inauguração do refeitório Carlos Cavalcanti de Brito reuniu pessoas do mais destacado nível social, confraternizando-se com os operários daquela empresa, que tomaram parte no primeiro almoço ali servido.

A INAUGURAÇÃO

— "Todas as iniciativas tendentes a melhorar as condições de vida dos nossos operários merecem os mais entusiastas elogios. E a ação dos irmãos Cavalcanti de Brito, nesse setor, tem sido tão profusa, tão oportunamente, que não nos admiramos dessa família manter a flâmula de pioneiros desse empreendimento".

O comandante Muniz Freire, da Base Naval do Recife, aju-

to:

— "Este refeitório representa

ta, exatamente, a personalidade do sr. Manuel de Brito, homem generoso, industrial progressista e pioneiro dos grandes gestos, sempre contribuindo para o progresso de Pernambuco e do Brasil".

OS ORADORES

Logo após, usou da palavra o sr. Cassiano de Albuquerque. Dirigiu-se aos presentes em nome das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S. A.", fazendo sentir o contentamento em que os dirigentes daquela organização se viam nas ocasiões como aquela, quando lhes era oferecida mais uma oportunidade de patentear seu interesse pelo elemento humano que contribue para o engrandecimento da empresa. Por outro lado, agradecia a todos a gentil presença naquele inauguração.

Seguiu-se com a palavra o sr. Fausto Tenório, que disse sobre a tradição humanitária da família Cavalcanti de Brito, surgiu modestamente em Pesqueira, esplandendo-se em Recife e consagrando-se como grandes industriais em todo o Brasil.

Foi pronunciado, depois, o discurso do dr. Francisco Manuel Brandão, diretor-executivo do Serviço de Assistência e Previdência Social (S. A. P. S.). Fazendo em nome do major Humberto Pellegrino, dirigente nacional daquele serviço, o dr. Francisco Brandão disse do seu entusiasmo por ver inaugurada, em Pernambuco, uma unidade do SAPS, que até agora tem trabalhado no sentido de melhorar as condições de alimentação do operariado brasileiro. Salientou, também, o papel relevante desempenhado pelo industrial Manuel de

OUTRAS IMPRESSÕES

O industrial Mário Pena, presidente da Federação do Comércio Atacadista de Pernambuco,



O sr. Cassiano de Albuquerque, que falou em nome das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S. A." (Fábricas Peixe)

Brito, criando o Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito, numa atitude de que somente o faz mais admirado pelos seus colegas de indústria, mais querido pelos seus operários e mais aplaudido por todos os cidadãos brasileiros.

Falou, também, o sr. Melquides Montenegro, enaltecedo a figura do industrial empreendedor que é o sr. Manuel de Brito, relembrando, durante sua oração, alguns flagrantes da vida do grande homem público que

(Continua na pag. 17)



Os primeiros operários a serem atendidos no refeitório "Carlos Cavalcanti de Brito"



Seleção, abundância, higiene e preços baixos — são as características das refeições que os operários do "clique" acham são os primeiros a experimentar



A sra. Mary Guimarães de Brito, esposa do industrial Manuel de Brito, quando cortava a fita simbólica

(Continuação da pag. 16)

Pereira; Cílio Holanda Santos; foi Franklin Delano Roosevelt, sempre na defesa dos interesses dos povos livres do mundo e das classes menos favorecidas.

E FALAM OS MAiores INTE- RESSADOS

Até essa altura, tínhamos ouvido apenas pessoas que, de certo modo, estavam apenas indiretamente ligadas ao que representava o Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito. Não resta dúvida que as impressões mais importantes seriam as dos próprios interessados, isto é, dos operários que desde ontem passaram a frequentar aquela dependência da fábrica.

Deante disso, ouvimos dois representantes desse último grupo: um homem e uma mulher. O homem foi o operário José Carneiro da Silva. Sua resposta foi râpida e clara:

— Eu e os meus companheiros estamos otimamente impressionados. Já experimentamos o feijão, o arroz, a carne, a farinha, as verduras. Tudo ótimo! E depois de tudo, ainda temos leite! Pode dizer pelo seu jornal que nós somos muito gratos ao sr. Manuel de Brito. Não é todo patrião que tem esse cuidado de amparar seus operários, não! Por isso, dia a dia mais o admiramos. Digo assim sem desejo de ser agradável ou de bajular. Digo a verdade!

Ali está o depoimento do operário José Carneiro da Silva.

E o outro, da operária Quitéria de Assis Portela, 21 anos de trabalho nas "Fábricas Peixe", secção de funilaria:

— Agora, tanto temos um lugar decente para comer, como temos boas comidas à nossa disposição. Não estou admirada com a inauguração do Refeitório, porque trabalho há muitos anos com o sr. Manuel de Brito e sei de quanta coisa de bem para o operário ele tem feito e continuará a fazer. É um santo homem. Que Deus o faça sempre indo para a frente, que nós vamos ajudando na medida do possível... e, se ele precisar — que Deus o tire — também na medida do impossível!

Eis dois depoimentos franceses, simples, espelhando com exatidão o prestígio que o industrial

Manuel de Brito goza entre os seus operários.

"ESTOU RADIANTE"

Na ocasião em que era servido um "lunch" aos visitantes, o sr. Manuel de Brito foi alvo de uma vibrante manifestação dos seus trabalhadores, cada um que quisesse agradecer, no mesmo tempo, a criação do Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito.

Falando à reportagem de NORDESTE, aquele industrial afirmou:

— Estou radiante. Fiquei contentíssimo pela maneira como os meus operários receberam a criação desse Refeitório. E isso é o grande motivo para eu me sentir recompensado.

OS PRESENTES

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2ª Zona Aérea; Paulo do Couto Malta,

presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e re-

presentante do secretário da Se-

gurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Aluisio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fólios da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes,

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvio Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costa"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesqueira; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2ª Zona Aérea;

<p



2.º ANIVERSÁRIO DO GOVERNO BARBOSA LIMA — Aspectos de solenidades realizadas em comemoração ao transcurso do 2.º aniversário da administração Barbosa Lima Sobrinho. 1) Inauguração da ponte do Passarinho, vendo-se o governador do Estado cortando a fita simbólica.



2) Grupo tomado após a inauguração da Unidade Sanitária de Paulista, vendo-se o governador do Estado ladeado pelo deputado Tárras Galvão, industrial Artur Lundgren, secretário Nelson Chaves, prefeitos Moraes Rêgo e Manoel Regueira, dr. José Pandolfi, diretor do Departamento de Assistência Hospitalar, e dr. Alberico Câmara, assistente do D.A.H. 3) E um flagrante do prédio da Unidade Sanitária, quando da solenidade de sua inauguração.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO GOVERNADOR BARBOSA LIMA SOBRINHO, NO 2.º ANIVERSÁRIO DO SEU GOVERNO

«No momento em que se completa o segundo ano de minha gestão, dirijo-me ao povo de Pernambuco, pelo intermédio das estações de rádio para lhe dar conta do trabalho realizado. Muitas foram as dificuldades, que por certo não se circunscreveram ao nosso Estado, pois que as encontramos também em quase todas as outras regiões do Brasil de norte a sul. As condições financeiras eram crias pela Constituição de 1946, depois de uma fase de governos provisórios e de expansão imoderada das verbas de pessoal, não se fazem sentir apenas em Pernambuco. Podemos até mesmo dizer que em Pernambuco as vias encontram-se recuperadas menos grave que na maioria dos Estados da Federação.

Nos todos conhecem as razões desse desequilíbrio. Não será, pois, fôr de propósito dizer-vos que uma das causas desse mal está é o aumento das despesas públicas, como resultado de numerosas padronizações de vencimentos, de pagamento dos adicionais, portamento de serviço, da amplitude tomada pelos abonos de toda natureza, incorporadas às despesas comum, sem falar nos gastos resultantes da organização democrática, como por exemplo, as assembleias legislativas, que representam personalmente a despesa pública do país. Enfim, crescem os estados, vemos a Constituição de 1946 mutilar os recursos do Estado, com o tornar exclusivamente municipal o destino do imposto de indústrias e profissões, que antes o Estado e o Município arrecadavam cumulativamente.

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Desse modo, somente em 1946, Pernambuco perdeu mais de vinte milhões de cruzeiros de sua receita anterior. Tive ainda que dividir os Municípios, por força da Constituição Federal, metade da renda do imposto territorial. E ainda lhe resta outra obrigação constitucional, a de entregar aos municípios 30% do excesso arrecadado pelo Estado em cada município, considerada a renda dívida a obter pelo próprio Estado. Sem falar na devolução da parte do imposto sobre combustíveis. Tudo isso representa um enorme desequilíbrio. Tudo isso agrava ainda por outro fator: a queda de nossas exportações, refletindo no quadro da receita do Estado. O açúcar, que em 1948 nos deu perda de 44 milhões de cruzeiros, devido ao imposto de exportação, rendeu apenas cerca de 6 milhões de cruzeiros em 1949. Perdemos ainda, pela redução na exportação de couros, de gicos, de sementes oleaginosas e de vários outros produtos. Em suma, 45.821 mil cruzeiros a menos em 1949. De modo que na receita geral dos seis principais impostos, em vez de aumento de 30 milhões de cruzeiros, que esperávamos de majorização das taxas de importação de mercadorias, tivemos realmente uma redução final de oito milhões de cruzeiros, num orçamento votado sobre a base de uma arrecadação otimista. Menos 33 milhões de cruzeiros que a previsão da Assembleia, num orçamento que viera ao Executivo com um deficit de 60 milhões de cruzeiros. E o pior é que a redução da arrecadação só se fez sentir posteriormente, no final de abril, quando o mês do exercício, quando a receita, que excedera a 27 milhões em janeiro e a 32 e 30 milhões em fevereiro e março, baixou a 25.900 em abril, a 24 milhões em junho e a 22 milhões em julho e agosto. Para mantermos em dia os pagamentos essenciais, foi preciso enorme esforço de compreensão, merecendo o qual conseguimos atravessar a fase mais perigosa. Já recuperamos boa parte do atasco verificado em julho, quando a situação é melhor do que há seis meses passados, reduzido o deficit a uma quantia moderada e que contamos ir reabsor-

vendo, no exercício presente, com as medidas de cautela tomadas, no emprego das dotações orçamentárias. Temos que fazer entre outros, o arreamento de execução, pois o primeiro, vindo da Assembleia Legislativa, nos levava a um deficit de mais de cem milhões de cruzeiros, suficiente para acarretar a desorganização e o colapso dos serviços públicos, se adotasssem por três ou quatro meses que fosse.

QUADRO FINANCEIRO

Dentro desse quadro financeiro é que se vem desenvolvendo a atividade do governo do Estado. E com esses recursos vamos realizando o que é possível, com o mais rigoroso critério de economia. E certo que, quanto ao Brasil, emprestimo que é também ágio do governo do Estado, pois o obtivemos contra todos os programas e todos os esforços dos adversários. Mas além das iniciativas a atender com o produto do empréstimo, podemos apresentar obras serviços que no estágio a testemunhar o trabalho de uma administração que representa um compromisso de realização e os satisfaz com energia e pertinacia.

PROBLEMA DAS PONTES

Encontrei aqui um enorme antagonismo contra as pontes antigas do Recife. Pois já temos a nova ponte do Derby, para receber concerto, que é a mais pedante, estar terminada.

No entanto, não obstante o dano sofrido na encosta do Catibahibe em novembro do ano passado.

Ai temos a nova ponte da Tôrre para fixar, ainda este mês, em começo de março, as suas primeiras estacas definitivas. Ai temos a nova ponte de Santa Isabel, já iniciada e contando, como as outras, duas, com recursos que asseguram a conclusão das três. São pontes modernas com uma largura aproximada da que se adotou na ponte Duarte Coelho. Para poder atender o que representa essa contribuição, basta dizer que depois da ponte Maurício de Nassau, há cerca de trinta e três anos, foi construída na área urbana do Recife uma única ponte de Duarte Coelho. Pois bem, em dois anos, asseguramos a construção de três grandes pontes e a possibilidade de duas outras, com o aproveitamento do lastro do Santa Isabel. Sem falar na ponte do Pinhão, que embora construída com recursos federais, tem sido objeto de grande esforço do atual governo, e como deputado federal teve que defender, com intrânsigência, a primeira dotação destinada à construção da ponte do Pinhão. Junto a todos os poderes federais, nunca faltou a ação nessa do governador e de seus auxiliares no encaminhar esse problema, no evitar o recolhimento das verbas, e assegurar o pagamento das dotações, em tudo enfim, que podia contribuir para a realização de tão importante das verbas, no asseguramento. O certo é que já está assinado o contrato para a construção da ponte do Pinhão, e para a passagem do batistério.

Embora se possa observar alguma lentidão na execução dos serviços, o bom nome da firma vitoriosa permite esperar que ela possa vir a dar demonstração mais completa de sua eficiência e de sua capacidade construtora.

OBRAS DE VULTO

Além do problema das pontes do Recife, a administração Municipal, sempre enfrentando e resolvendo a execução de outras obras de grande vulto. O alargamento e o calçamento da Avenida Tejipió, já terminado até Jiquiá, a conclusão do calçamento do calçamento de Beberibe e a continuação do calçamento de Dois Irmãos garantem o acesso sobre pavimentação de paralelepípedos da estrada da Ponte do Recife que ainda não conta com esse melhoramento. E ainda podemos enumerar o calçamento da ladeira que dão

acesso ao Alto do Pascoal e ao Alto José do Pinho, as obras importantes no cais de Santa Rita, o alargamento da estrada de Remédios, da ruas D. Bosco e da Avenida de Campo Grande, a remodelação do mercado de São José, a construção do mercearia da Encruzilhada, que é uma área maior que o do São José Novo velho Teatro Santa Isabel, está sendo pintado e restaurado, recebendo melhoramentos que, como o serviço de ar condicionado, deverão exceder a quatro milhões de cruzeiros — o que é bem a impressão da importância das obras em execução. E já vos posso anunciar a continuação da Avenida Damas Barreto, realização fundamental, no plano urbanístico da cidade do Recife.

ABASTECIMENTO D'ÁGUA

Passamos, agora, a outro domínio de realizações: o suprimento d'água das cidades e das zonas rurais pernambucanas. No capital, estão em andamento ou já concluídas duas grandes obras: a estação de bombas dos Prazeres e o reservatório do Alto do Céu. Com esses dois serviços, que devem estar em funcionamento dentro de poucos meses, o sumiramento d'água do Recife melhorará de cerca de 20 milhões de litros diariamente, o que representa 33% sobre o abastecimento total da cidade. Teremos assim, num total de cerca de 80 milhões de litros, 50% para as obras de Saturino de Britto, 20% para a atual administração do Estado e 17% para as demais administrações pernambucanas.

Olinda terá quadruplicado o seu abastecimento, com as obras em andamento. Já no decorrer deste mês, iremos inaugurar o serviço de água em Fazenda Nova. Dentro de alguns meses, será a vez de Pequena e seu serviço. Em Limoeiro, já chegaram 31 quilômetros de suas adutoras e foram iniciadas as obras civis do abastecimento. Foram iniciadas também as obras para o abastecimento d'água de Timbaúba e Bezerros. Em Arcoverde, já se ultimou a concorrência para a conclusão dos serviços de água assim co-

mo em Catende, Altinho e em São José do Egito. Caruaru foi contemplada com uma dotação de que assegurará a construção de nova barragem, de uma estação de tratamento e da adutora necessária à previsão do progresso da cidade. Conto deixar resenhado o serviço de Gravatá, que é um belo autoritário. Ima melhoria das cidades que correu com 600 mil cruzeiros. Assim, o município de Araripe, que capta energia elétrica hidráulica e na medida sentindo de processos o aproveitamento de quedas d'água do Piranha em Quipapa e em Marial. Vale a pena recordar a lista dos municípios já atendidos: Exu, Coripá, Custódia, Bonfim, Serra Talhada, Afogados da Ingazeira, Caruaru, Maníobras, Petrolina, Bodocó, Glória do Goitá, Inajá, Gravatá, Belo Jardim, Jurema, Pararmirim, São Bartolomeu, Uraí, Surubim, Garanhuns, São Caetano, Tabira, Flores, Amaral, Garanhuns (que assim donde realizar os serviços de luz de seu distrito de Itaçati, Paranaíama e Itatama). Duas cidades do São Francisco acabam de receber energia elétrica do grande rio e para esse melhoramento colaborou o governo do Estado, auxiliando a instalação elétrica de Inacaratu e responsabilizando-se pelo serviço de ligação entre Petrolândia e Floresta, e contando, para essa realização, com a esforço e a inteligência do senhor Apolinário Sales.

SEU SERVIÇO DE LUZ

Nos serviços de luz, não tem menor esforço, ou a cooperação do Estado. Em algumas cidades, como Bom Conselho, o Departamento de Energia do Estado superintende todo o trabalho, num plato seguro, para o qual concorremos.

Em 1948, e dentro da qual foram estabelecidos acordos, firmados pelo secretário Silvio Balbino com o Ginásio São José, de Nazaré da Mata, o Ginásio Regina Coeli, de Limoeiro, o Colégio de Caruaru, o Ginásio de Limoeiro, a Escola Normal Rural Santa Maria de Timbaúba, a Prefeitura Municipal de Barreiros e o Colégio Santa Sofia, de Garanhuns.

SETOR RODOVIÁRIO

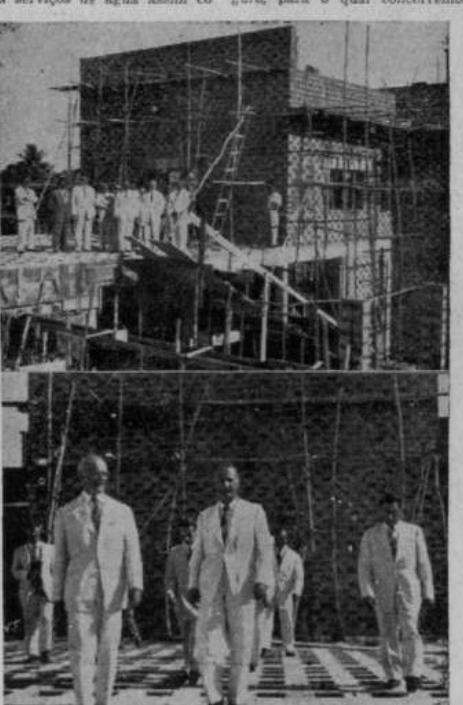
No setor rodoviário, além da conclusão da rodovia Ibimirim-Floresta, estrada de 101 quilômetros de extensão, uma das mais importantes da parte mais importante coube a administração atual, temos ainda a continuação da pavimentação do trecho Jabotabé-Moreno, feita, em 1949, numa extensão de 3 quilômetros e meio que deverá estar concluída em breve. A rodovia Caruaru-Terenciano Sul foi também construídos 3.054 metros e iniciada a rodovia Amaral-Freiróias. Proseguiu-se na construção da rodovia Cupira-Lagarto, na de 35 km das Nunes-Flores, na de Arcoverde da Ingazeira-Tabira. Na rodovia Pedra-Garanhuns houve a terraplenagem de 12 quilômetros e a construção de 15 bueiros. Foram concluídas 2.640 metros da rodovia Salgueiro-Serrinha e realizadas várias obras e reparos em muitas outras estradas, cumprindo também acrescentar que foram pagas a tempo e em quotas destinadas aos municípios, o que nem todos os Estados fizeram, ou conseguiram fazer. Na rodovia Pararmirim-Petrolina, o Departamento de Estradas de Rodagem, o Departamento de Obras contra as Secas, com as dotações federais obtidas pela bancada pernambucana, terminaram 15 das 17 obras de arte necessárias. Com a dotação de 1950, o orçamento federal, solicitada pelo governo do Estado através da representação de Pernambuco poderemos ver concluída essa rodovia de tanta significância para o Estado. Com a aprovação das medidas que o governo legislativo poderemos em definitivo o programa da pavimentação das rodovias-tronco, na zona da mata, para o qual é possível o Departamento de Estradas a aparelhagem indispensável.

PROBLEMAS AGRÍCOLAS

No setor agrícola, além do serviço de aguardem, a que já foi feito relativo que cabe no conjunto das atividades do Governo, devem enumerar ainda este ano, dos títulos de propriedade dos imóveis da Colônia Agrícola Olho D'água, adquirida pelo Estado para ser dividida em unidades familiares, no setor do ensino rural. E a longo prazo, em outras famílias que a habitavam. Deante da crise que a estagiaria prolongada criara por toda a parte, a Secretaria da Agricultura por iniciativa do sr. Barros Barreto, tomou a si o encargo de uma ampla distribuição gratuita de sementes, alcançando a mais de 2.225 mil milhos de sementes e beneficiando a mais de 10.000 agricultores do Estado. Há também a questão do trabalho da experiência da plantação de trigo em Garanhuns e da juta nas ilhas do São Francisco e na fazenda São Bento, o interesse tomado pela produção do café e do aveia, o aumento do equipamento mecânico dos serviços da Secretaria da Agricultura, e a emissão de reprodutores, a celebração do acordo entre o Estado e o Ministério da Agricultura para a criação do Serviço da Insensação Artificial.

OUTRAS REALIZAÇÕES

Poderia citar muitas outras realizações, com o projeto, ainda dependente da Assembleia Legislativa, e mereço do que seja duplicada a área agrícola da Penitenciária de Itamaracá. Ou a aquisição de máquinas para a imprensa Oficial. Ou a melhoria do rendimento das oficinas da Casa de Detenção, quasi todas



O governador Barbosa Lima Sobrinho, em companhia do prefeito Moraes Rêgo, em visita às obras do mercado da Encruzilhada e da ponte da Tôrre.

(Continuação da página 18) que, nos dispensários, o número de abreviações passou de 3.221 em 1948, a 62.530 em 1949. Em 1948, o consumo de leite, nos dois hospitais do Serviço, era de 108.100 e 140 mil litros; subiu a 186.600 litros em 1949.

DEFESA SANITÁRIA

O número de vacinações, no Departamento de Saúde Pública foi, em 1947, de 90.347 e em 1948 178.707. No Leprosário de Mirimira, foram instalados os serviços de água, luz e esgoto, com auxílio federal, e está sendo preparada a Colônia Agrícola. Fizemos 3 convênios, um com o Serviço da Malária e 2 com o Serviço Especial de Saúde Pública. O Serviço da Malária, com força de 1200 convênios, dotou-se de 46.000 casas e protegeu, contra a malária, cerca de dois milhões de pessoas. Nos convênios com o Sesap, ficou estabelecido o saneamento das cidades de Palmares, Ribeirão e Gameleira e a instalação da Escola de Enfermagem de Pernambuco, pelo Secretário João Roma. Poderia enumerar as realizações do Coronel Viriato de Medeiros, na Força Policial do Ceará, a construção de mais um pavilhão do Hospital da Força, a reforma de todo o edifício, a ampliação do quartel, a criação e aparelhamento de novas oficinas, a nova praça construída de frente ao Hospital, uma centena de casas, quase concluídas, para servirem de habitação a praças e oficiais. Mas ainda devo referir-me a outro setor importante: o da Secretaria de Saúde, onde não faltam demonstrações de trabalho e de eficiência do Professor Nelson Chaves e de seus auxiliares.

MERENDA ESCOLAR

Quando assumi o Governo, o número de crianças recebendo diariamente a merenda escolar era de 6.800, em 50 escolas; em 1949, o número de crianças atendidas foi de 40.450, em 223 estabelecimentos de ensino. Nos últimos dois anos, foram inaugurados 8 postos de higiene no interior do Estado, que possuem, no todo, 37 postos fixos de higiene — quase metade deles criados sob o governo atual. Está sendo construído o Encruzilhado, o Centro de Saúde Mário Soárez, o melhor do Brasil, destinado à formação de sanitaristas. Estão sendo também construídos no interior 3 unidades sanitárias e 35 postos de higiene, com verbas federais, em terrenos dos Municípios, mas com auxílio e sob a direção do Estado. Já foram inaugurados na atual administração 3 dispensários de tuberculose, sendo um destinado a doentes adaptados e destinado a ser imediatamente corrigido, mais 2 dispensários. Está sendo construído, pelo Serviço Nacional de Tuberculose, o Parque Sanatorial do Saneho, para 1.800 leitos, em terreno adquirido pelo Estado. Para se ver como melhorou o rendimento dos serviços de tuberculose, basta dizer

que, nos dispensários, o número de abreviações passou de 3.221 em 1948, a 62.530 em 1949. Em 1948, o consumo de leite, nos dois hospitais do Serviço, era de 108.100 e 140 mil litros; subiu a 186.600 litros em 1949.

ra 120 leitos a Colônia de Mulheres Psicopatas, a unidade sanitária de Paulista, esta contando com um posto de higiene, lactário, serviço pré-natal, sala de parto e ambulatório médico-cirúrgico. Está sendo concluído o Hospital de Floresta (quase terminado), a Maternidade de Lagoa Seca e o Hospital de Olinda, a última faseada com a colaboração do Ilustre Técnico paulista Odair Pedrosa, que planejou Odair Pedrosa, que planejou e modificou o projeto e as plantas, convertendo-o no melhor hospital, sob o ponto de vista funcional, do interior de Pernambuco. Com a construção do Hospital de Olinda, que não tem sido indiferente à dedicação generosa com que as senhoras de Pernambuco procuraram defender o patrimônio formado pela vida e Etelvino Lima.

O número de doentes internados nos hospitais da justiça, da União e do Estado, em 1947, foi de 15.000, passou a 25.500 em 1948 e a 31.500 em 1949 — o duplo de 1947, como vimos.

CAMPANHA PRO-INFÂNCIA

Na atual administração, foram

G. W. B. R.

(Continuação da página 12)

na: também de usineiros, padres, magistrados, oficiais de polícia, caixeiros viajantes. Mas, sobretudo dos elementos vinculados à lavoura típica da região, a quem os acontecimentos da política regional, as secas ou os excessos de chuvas, as altas e baixas dos preços do açúcar ofereciam temas de constante sedução, para longas palestras. Na linha Recife-Garanhuns, foi, durante anos, figura predominante no carro-restaurante da Great Western, com a sua generosa boêmia de autêntico senhor rural, o "Coronel Zizi", de Águia Branca: Egidio Camilo Pessoa da Silva. No carro-restaurante viajavam para o Recife, entre manifestações cuja exaltação a cerveja gelada não arrefecia, os senhores-de-engenho e plantadores de cana mal entusiasmados e decididos, dentre os que haveriam de representar a classe na reunião levada a efeito no velho Teatro Santa Isabel, em protesto contra o ato de Epitácio Pessoa que extinguiu o Comissariado do Açúcar, apesar a primeira Grande Guerra.

Outra sugestão da Great Western, em zonas mais atrasadas, para o aperfeiçoamento das condições materiais de vida: o ventilador. Usaram-no primeiro os ingleses da companhia, nos "carros de administração", em suas viagens de inspeção, ao longo das linhas; e nesses carros é que o terá visto, pela primeira vez, muito

matuto capiongo, em dia de feira; se não mesmo pequenos comerciantes, senhores-de-engenho ou fazendeiros, ainda não identificados com esses recursos do conforto moderno, já vulgarizados nos grandes centros. As estações da estrada de ferro, nos pequenos centros do Nordeste, sempre constituíram, aliás, pontos de atração e de movimento social. A "hora do trem" confunde-se, em muitos casos, com a hora do "footing", dos encontros amorosos; como se o trem exercesse, com a sua presença de minutos, uma função renovadora, na mesmice da vida local.

De tal modo a Great Western se vincula à existência do Nordeste, nas suas relações com a economia, a paisagem, a sociedade, que, através do complexo ferroviário nordestino, podemos encontrar elementos e subsídios para uma larga visão da história regional, em tópicos rigorosamente "culturais". E o que documenta, a despeito de todas as deficiências, a excelente contribuição do Sr. Estêvão Pinto, o primeiro a reconhecer, aliás, que talvez seja a Great Western "um símbolo do homem nordestino — pelas suas fraquezas, pela sua capacidade de resistência, pelo seu desamparo e pela sua eterna luta contra o meio físico". Tal como, no conjunto dos seus defeitos e das suas virtudes, o Gonçalo Ramires da "Ilustra Casa" lembrava Portugal.

que se anuncie a vinda de transatlânticos de mais de 18.000 toneladas.

Não importa, porém. Iremos por diante. O trabalho, por si mesmo já é uma recompensa comparável. E essa recompensa cresce de significação, quando pensamos que esse árduo trabalho é um trabalho por Pernambuco, por esse povo combativo, que cada vez encontramos maiserto, à medida que sentimos a dificuldade de sua vida, a extensão de seus problemas, a amargura e a aflição de suas necessidades.

Continuando assim, meus senhores, a trabalhar, a trabalhar por Pernambuco, até o fim. E sei que esse trabalho não acabará com o término do meu governo. Ele irá contigo até o fim de minha vida, como uma fatalidade, ou uma contingência, pela razão de que não saberia encontrar, para os meus dias, objetivo que correspondesse melhor aos meus anseios e ao meu destino. Continuemos, pois, a trabalhar por Pernambuco.



DALIA ANTONINA

Marilo Miranda

A exposição de Dalia Antonina, que acaba de realizar-se no Ministério da Educação, encerrou, com uma nota agradável, o ano de 1949.

Dotada de uma sensibilidade muito apurada, a jovem pintora conseguiu apresentar neste sua primeira mostra individual, uma coleção de telas que se destacam, sobretudo, por sua extrema suavidade. Se, de fato, esses trabalhos nem sempre revelam maior penetração, forçoso, entretanto, é reconhecer que a artista procura manter-se dentro de um nível já bastante apreciável, estabelecendo, assim, um certo equilíbrio entre a sua personalidade e as suas próprias possibilidades.

Isto se refere não somente aos retratos, gênero em que Dalia Antonina, sem prejuízo da fidelidade devida aos modelos, distingue-se por uma grande espontaneidade, que é onde reside o seu maior encanto, como também a alguma de suas mais delicadas composições de flores, cujo perfume, às vezes, parece ter sido vertido em cores.

Pintura essencialmente feminina, mas nem por isso destituída de força, os quadros de Dalia Antonina não visam nunca esse efeito fácil. Seu palpável senso do decorativo, o entonação tão sensível, quando não o próprio enriquecimento da matéria, conseguido com convicção, estão a serviço de um verdadeiro temperamento poético que se expande, sutilemente, através das formas e das cores.

REMOVEDOR P. X.

(É UM PRODUTO DRAGÃO)

O removedor P. X. de fabricação genuinamente nacional, destina-se aos serviços de limpeza em geral e o seu uso independente de cuidados especiais, dado que não é caustico nem corrosivo.

Limpia com rapidez e eficiência qualquer superfície suja de óleos, graxas, gorduras etc.

Não sendo combustível ou explosivo, seu emprego é especialmente indicado para limpeza de oficinas mecânicas, postos de serviço automobilístico, fábricas, etc.

Substitui com vantagem a gazolina ou o Kerozene na lavagem de peças de automóveis e das mãos dos operários, após o serviço.

Modo de usar: Na lavagem de pisos, espalhe P. X. em estado natural em toda superfície suja, molhando, após, com água. Esfregue em seguida com vassoura, enxaguando, afinal.

Na lavagem de mãos, use o P. X. como se fosse sabão.

Nas outras aplicações use o P. X. dissolvido na proporção de 20% em água comum.

INTERLANDIR LTDA.

Rua da Soledade, 265 — Fone 3265

RECIFE

PERNAMBUCO

BRASIL



O REMOVEDOR P. X.

tem sido empregado com êxito admirável na limpeza das ruas do Recife. Acima e à direita, aspectos da lavagem da Avenida Guararapes, uma das principais artérias da capital pernambucana, com REMOVEDOR P. X.,

O HIGIENIZADOR DAS CIDADES



GRANDEZA E DECADÊNCIA DA TAPEÇARIA FRANCESA

Reportagem de RUBEM BRAGA

Paris, fevereiro — (Via Panair) — "Vendo muito para diplomatas" — me diz Jean Lurçat, o que é natural. O diplomata é um nômade, e volta e meia deve mudar de casa. No lugar de mandar pintar uma parede alugada, ele adota esse rural volante que é um tapete. Revestida com um tapete, a parede tem ainda a vantagem (muito sensível neste mês de fevereiro, nesta cidade de Paris) de não gelar as espáduas de nossas mulheres" durante uma recepção.

Esse homem sólido, que deve ter cinquenta anos e tem um castelo com tóres de 35 metros de altura, me dá a impressão, usando essa frase que ficou entre aspas, de possuir em seu castelo um bom número de mulheres em vestido de noite, as espáduas nuas.

A verdade é que em 1914 ele trabalhava como aprendiz em um grande afresco na Universidade de Marselha, e refletiu nos inconvenientes que tem esse gênero de pintura em um país de clima tão húmido e ar saturado de fumaças de fábricas. Pensou na tapeçaria. Confessa que então não conhecia as grandes obras de tapeçaria francesa, como o "apocalipse" de Angers, feito por Pierre Bataille e Nicolas de Bandol em 1370, medindo 740 metros quadrados, nem as "Sept Dames à la Licorne". Depois aprenderia que na Idade Média só na França e em Flandres havia 150.000 pessoas — pintores, tintureiros, tecelões, costureiras que viviam da tapeçaria. No começo do século XX esse número estava reduzido a 4 ou 5 mil — e diminuía cada vez mais.

A decadência da tapeçaria francesa acentuou-se exatamente no dia do ano de 1736 em que J. B. Oudry, pintor das cacaças de Luís XV, e superintendente das Manufaturas Reais, explicou oficialmente como se devia fazer uma tapeçaria: "Dai às vossas obras todo o espirito e toda a inteligência dos quadros, pois só nisso reside o segredo de fazer tapeçarias realmente belas". Ele exprimiu apenas o que o gosto — e as circunstâncias — de sua época já estabeleceram. As enormes tapeçarias antigas já não se explicavam: os salões eram menores, os tectos mais baixos, a tapeçaria era para ser vista de perto ou para fazer fundo para uma infinidade de bibelots. Era preciso que as cores da trama dessem toda a sutileza de semi-tonos da pintura. Para isso era preciso que os fios de lã fossem antecipadamente tintos em uma infinidade de nuances, e que o ponto fosse mais fino.

Um Gobelins tecido em 1740 exigia fios de lã tingidos em 373 tons diferentes; em 1780 um outro exigia 587 tons. Com a descoberta das tintas sintéticas os tapeceiros enlouqueceram; a única maneira de reproduzir mais ou menos em tapeçaria um quadro de Paul Veras exigia 2.667 nuances. E como é impraticável tingir menos de 250 gramas de lã de cada nuance, o resultado era que para fazer um tapete de 20 quilos

eram necessários 666 quilos de lã tinta. A administração dos Gobelins chegou a ter à disposição dos pintores 14.400 nuances das cores fundamentais. E o resultado era ruim. As finas tapeçarias do século XVIII estão desfiguradas: o fundo some, o segundo plano fica apenas um esquema vago, muitas cores desmereceram.

A Revolução

Esse homem que está comigo e Clovis Graciano bebendo o bom cognac de Roberto Assunção é o Lenine da revolução da tapeçaria francesa. Antes dele já se ouviam vozes de aviso, observações teóricas. Ele pôz de pé uma teoria e a transformou em prática.

Princípios: tapeçaria é tapeçaria e quadro a óleo é outra coisa. A pintura de cavalete é uma pura maravilha, e dão ao artista o máximo de liberdade individual; ele mesmo é um pintor de cavalete. Mas tapeçaria tem finalidades próprias e leis próprias. Constatado: a famosa tapeçaria de Angers, com toda a riqueza fabulosa de seus 144 metros de comprimento, por 5 de altura, cheia de figuras, bichos, monstros, coisas e paisagens coloridas, toda aquela tapeçaria monumental foi feita com menos de 20 nuances. As "Sete e Snhoras", outra obra prima medieval da tapeçaria, tem no máximo 25 nuances. Reflexões: a grandeza não é função da acumulação de meios. O artista pode atingir uma alta eloquência com um vocabulário rigidamente limitado. A densidade espiritual é mais função das relações entre as formas e cores que de quantidades; os grandes efeitos são sempre fruto de uma distribuição econômica e sábia das luzes e sombras. Caminho a seguir: restituir à tapeçaria seu caráter de cantoção plástico, sua sobriedade de meios e sua virilidade de execução.

Estado atual: François Tabard, de uma linhagem de Tabards que desde 1637 tinge e tecê lãs, concordou em tingir lãs em cerca de 40 nuances diferentes. A cor que tem mais nuances é o amarelo, com seis. O tingimento é feito pelos mesmos processos antigos, usando substâncias vegetais, como a garancha ou animais, como a cochinchinha; qualquer outra substância cuja fixidez de cor não foi aprovada pelos séculos só foi admitida depois de severas provas sob a ação de lâmpadas que em algumas horas produzem o mesmo dano que anos a fio de sol intenso e direto.

O processo de Lurçat

Esse processo é adotado hoje pela maioria dos pintores que se dedicam à tapeçaria. Aquelas 40 nuances estão numeradas. O artista faz, do tamanho que lhe é mais cômodo, o "cartão" em cores. Depois manda fazer em grandes dimensões (sempre maiores que as do tapete) a mesma coisa, mas não precisa encher os espaços com as cores: basta dar os números.

Os artífices fazem o tapete. Este é trazido ao artista. Ele geralmente manda fa-



Marcel GROMAIRE. — "Aubusson". 1940. — Tissé à Aubusson. (Photo Galerie Louis Carré).

zer outro, de dimensões um pouco ou muito diferentes, como o autor que sempre altera alguma coisa na segunda edição de um livro, manda suprimir isto ou aquilo, usar o cinza número 4 ali onde está o número 2, etc.. Assim uma tapeçaria moderna francesa desse tipo tem, no máximo, quatro variantes. Variantes (às vezes até bem diferentes) e não cópias. Quem compra uma tapeçaria e a pendura da parede pode ter a certeza de que ninguém tem outra "igual" — mesmo porque isso seria impossível, tratando-se de uma coisa feita à mão.

Questão de preço

E quanto custa isso? Lurçat me explica (estamos diante de uma bela composição de astros, flores, bichos sobre um fundo fulvo) que em Paris, quando ele vende diretamente, o preço atual é mais ou menos de 50 mil francos o metro quadrado. No estrangeiro é, naturalmente, bem mais caro, e essas tapeçarias já têm sido vendidas por pequenas fortunas nos Estados Unidos e lugares.

"O artista não pode desconhecer hipocritamente o problema do preço — diz Lurçat. Com essa redução de minha gama de cores, permito aos artífices um lucro razoável e aproveitando o mesmo motivo em quatro variantes também diminui o preço. Esta é uma das grandes consequências de nossa revolução: em 1939 só a execução de um metro quadrado em Beauvais ou Gobelins ficava, em alguns casos, a 80.000 francos — e 80.000 francos em 1939! A decadência da execução atual é a mesma do século XIII: cada artífice faz um metro quadrado por mês; pelo sistema adotado a partir de Luís XV, cada operário fazia 15 a 20 centímetros quadrados apenas. É evidente que essa grande vantagem no plano econômico não teria sentido se não representasse, ao mesmo tempo, uma verdadeira renascença da tapeçaria como tal.

E no Brasil?

Jean Lurçat já teve um convite para ir ao Brasil, que não se concretizou. É possível que vá — agora está em conversa com Roberto Assunção. Lembro-me de ter visto alguma coisa sua no Ministério da Educação — foi exatamente a primeira vez que reparei em seu nome, durante uma exposição francesa de artes decorativas, anos atrás.

Mas fico imaginando que também no Brasil poderíamos criar uma tapeçaria aproveitando essa lição de França. Aqui pintores como Picasso, Matisse, Léger, Gremaire e Dufy fazem "cartões" para tapetes, com menor ou maior inteligência do verdadeiro sentido da tapeçaria. Uma série de conferências de Lurçat serão ouvidas com muita atenção pelos nossos pintores e desenhistas. (Quando dissemos que ele poderia fazer conferências no Brasil, disse que sim, e acrescentou que gostaria de fazer uma conferência para o público, mas outras para artistas e artífices, entrando na parte técnica).

Lurçat calcula que o operário de uma fábrica de tapetes comum não gasta mais de um ano para aprender a fazer a melhor tapeçaria. Já temos no Brasil bons tape-

tes feitos à mão, e portanto uma base. Mas quando Segall resolve fazer uma tapeçaria é ainda obrigado a mandar executá-la na França.

Não valeria a pena um esforço para nos apropriarmos desta técnica? Não é de nós mesmos pintores e artífices ela, permitiria, mais tarde, uma vez dominada, a criação de coisas belas, e quem sabe novas experiências e rumos. Não se trata apenas de aprender uma arte, também um artesanato, uma indústria, uma fonte de renda para os pintores e a nação. Só de algum tempo para cá pudemos retomar a tradição portuguesa dos azulejos; mas de São Paulo para o Sul, em muitos casos, uma tapeçaria seria mais interessante que azulejos como revestimento interno. E essa arte, que nasceu, afinal, em climas iguais ao nosso, parece feita para nossa luz e nossas cores. Na Argentina, no Chile e em outros países teríamos um mercado próximo para essas coisas.

A propósito: Lurçat me conta que certa ex-autoridade francesa confessou ter "sabotado" a missão de alguns argentinos que vieram à França aprender tapeçaria. Alegou que para a França era melhor exportar tapeçarias que ensinamentos. Lurçat disse que não concorda. Há outros países onde se pode aprender — e a grandeza da França sempre residiu em sua capacidade de exportar idéias e sentimentos, técnicas e gôsto.

Tenho a certeza de que poderia ensinar alguma coisa aos brasileiros interessados em tapeçaria; mas também tenho a certeza de que teria muito a aprender com os artistas de toda a gente do Brasil. Nós franceses, precisamos viajar mais e aprender mais com o mundo, especialmente com povos jovens como o brasileiro.

E conta, como exemplo horrível, que Georges Braque tirou passaporte pela primeira vez depois dos 70 anos, para ir a Londres — e ainda pediu que o fossem buscar em Calais, pois não sabia como viajar...

SUMÁRIO

Artigos de Waldemar Lopes, Artur Coelho, Silvino Lopes, Gláucio Veiga e Murilo Miranda.

Reportagem de Rubem Braga
Conferência de Gonçalves Fernandes
Poema de Matheus de Lima

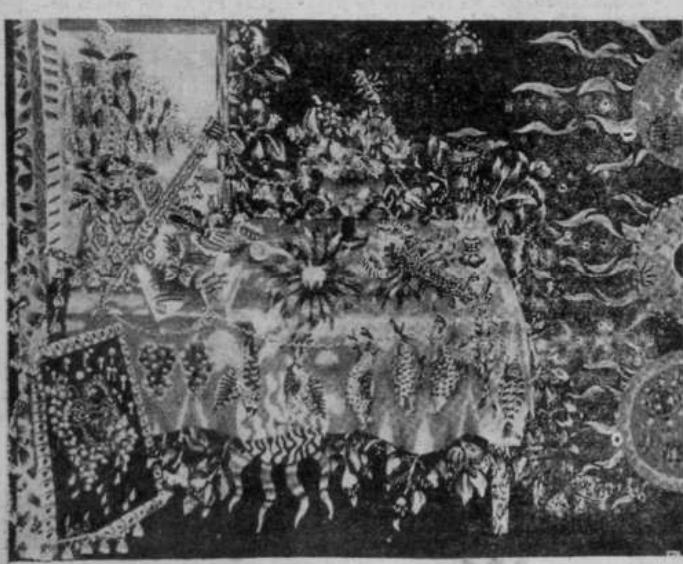
Conto de Lenine Pinto

Teatro por Hermilo Borba Filho

Artes plásticas — reportagem de Perminio Asfora

Desenhos, ilustrações, reproduções de Ladjane, Di Navarro, Reinaldo Fonseca, Augusto Reinaldo, Ionaldo de Andrade, Abelardo da Hora, Zuleno Pessoa, Van-Gago e Ismailovitch.

Tópicos — Transcrições de artigos de José Lins do Rêgo e Djalma Viana.



Jean LURÇAT. — "Le soleil sous la table", 1949. Aubusson. — Galerie Louis Carré.